



Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**THAMIRES BRANDÃO DE ALMEIDA**

**“HELP”, O GRITO DOS PROJETOS SOCIAIS: QUANDO O SOCORRO ENUNCIA A  
EMERGÊNCIA DE ACOLHIMENTO E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS PANDÊMICOS**

**AMARGOSA/BA  
AGOSTO/2022**

---

**THAMIRES BRANDÃO DE ALMEIDA**

**“HELP”, O GRITO DOS PROJETOS SOCIAIS: QUANDO O SOCORRO ENUNCIA A EMERGÊNCIA DE ACOLHIMENTO E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formações de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Macedo

**AMARGOSA/BA  
AGOSTO/2022**



## Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o THAMIRES BRANDÃO DE ALMEIDA.

Ao quarto dia do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, na sala 104, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **ALICE COSTA MACEDO**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **ANDREIA BARBOSA DOS SANTOS** e a/o Professora/o **SIRLÂNDIA REIS DE OLIVEIRA TEIXEIRA**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: ***“Help”, o grito dos projetos sociais: quando o socorro enuncia a emergência de acolhimento e saúde mental em tempos pandêmicos***, de autoria da/o discente **THAMIRES BRANDÃO DE ALMEIDA**, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 10,00 (Dez)

Professor (a): **ALICE COSTA MACEDO**

Assinatura:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
COLEGIADO DE PEDAGOGIA



Nota: 10,00 (Dez)

Professor (a): **ANDREIA BARBOSA DOS SANTOS**

Assinatura:

Nota: 10,00 (Dez)

Professor (a): **SIRLÂNDIA REIS DE OLIVEIRA TEIXEIRA**

Assinatura:

A/o discente **THAMIRES BRANDÃO DE ALMEIDA** foi **APROVADA/O** com a média 10,00 (Dez).

*Amargosa/ BA, 04 de agosto de 2022*

**ALICE COSTA MACEDO**

Presidente da Banca de TCC

Dedico essa monografia primeiramente a Deus, por seu amor incondicional e por ser fortaleza em toda caminhada, sempre me concedendo sabedoria de questionar a realidade e criar novas possibilidades, pois sem Ele nada seria possível. Em segundo a minha família, em especial a minha querida avó, Vitalina dos Santos Brandão (em memória), cuja presença foi essencial na minha vida. Que apesar de ser analfabeta, me ensinou saberes e valores que nenhuma academia seria capaz de me ensinar. Gratidão eterna por sua vida, por seu puro amor e por todo aprendizado. Aos meus pais, Maria Helena dos Santos Brandão de Almeida e Joselito oliveira de Almeida, pois são meus maiores tesouros aqui na terra, eles representam para mim o lugar onde habita o amor, meus maiores exemplos de força e coragem. Aos meus irmãos Tiago e Adriano, por todo carinho e apoio depositado em mim nesses longos anos. Dedico a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação humana e acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu primeiro Amor, Deus, é a minha paz que excede todo entendimento, que é Pai, Amigo, socorro bem presente nos momentos mais precisos. À Ele sou grata, pela força, sabedoria e por todo cuidado nessa jornada. Sem Ele, eu nada seria. Em seguida aos meus pais, Maria Helena dos Santos Brandão de Almeida e Joselito Oliveira de Almeida que me amaram ao segurar em minhas mãos nesse percurso, que renunciaram para que eu sempre tivesse o melhor conforto e condições de manter os estudos longe de casa e da família. Que sorriram e choraram comigo também, às vezes o choro era só de saudade. Que me abraçaram com suas palavras mesmo de longe, que quando eu pensei em desistir, eles disseram “não, você vai conseguir”, “continua”, “você é forte”, “você pode filha”, “desiste não”, “vai valer a pena”, “queremos te dar, o que não tivemos”, “você é capaz”, “te amamos” ... Essas e tantas outras palavras, me sustentaram até aqui e não temo em dizer, é por eles que estou aqui, essa formação é nossa. Só tenho que agradecer a esse amor sublime que a mim tem sido doado desde o nascimento. Aos meus irmãos Tiago e Adriano por todos os momentos, sorrisos, conversas e por acreditarem em mim e no meu potencial. À minha avó Acydalia pelo carinho e cuidado de sempre. Aos meus tios, Antônio, Maria da Conceição, Anselmo, Marinalva, Fernando, Celso, Eliaci, Josenaildo e Eliana que me proporcionaram momentos mágicos e que depositaram em mim palavras de força, determinação e muito afeto. As minhas primas, Isis e Ana Paula, vocês são incríveis, em especial Maria Clara que nos ensina como é fácil sorrir e trouxe mais alegria em nossa vida, que me espera todos os dias quando estou em casa para me receber com um abraço, momentos que as palavras não conseguem traduzir. Aos meus meninos Théo, Josué, Gabriel e João, a existência de vocês meus pequenos, iluminam a minha vida. E a todos os meus familiares pelo amor, incentivo, força e apoio incondicional.

Agradeço à Igreja Universal do Reino de Deus de Cruz das Almas por ser minha mãe espiritual, grata pela porta aberta e pelo Altar que me transformou e me gerou em quem hoje eu sou. Aos pastores em especial Pr. Fábio, Pr. Sérgio, Pr. Gildeon, Pr. Valter, Pr. Diego, Pr. Donizete e Pr. Cláudio que estiveram comigo em momentos cruciais, sempre me orientaram, oraram e cuidaram de mim. Esposas dos

pastores, em especial a D. Thialy que me enviava mensagens saudosas nas sextas, sempre com muita expectativa para me rever nos finais de semana, no meu retorno para minha cidade de Cruz das Almas e me recebia sempre com um grande abraço afetuoso, sem contar os grandes ensinamentos compartilhados, a D. Morgana por sempre ter uma palavra de fé e momentos especiais para compartilhar, D. Vilma, D. Iara, D. Vanessa, D. Cristina, e Tia Fernanda. Por toda ternura e por todo cuidado tanto físico, quanto espiritual nessa caminhada. Aos Obreiros, em especial D. Ana, D. Lene, D. Tuca, D. Célia, Tia Cristina, Ângela, Raissa, Raiane, Camila, Juliana, Leidiane, Ingrid, Tia Antônia, Tia Meire, Tia Núbia, Tia Nilza, Alex, Sr. Edmilson, Sr. Jorge, André e Jonas. Por todo incentivo, apoio e afago. À todos que já foram e aos que ainda são da Força Jovem Universal, por todo amor, carinho e amparo, em especial a Rodrigo, Ivana, Ivanessa, Flávia, Bárbara, Mariana, Brenda, Steffanny, Silvonete, Sirlene, Monalisa, Beatriz, Paloma, Milena, Lorena, Mailson, Adeilson, Jônatas, Valdomiro. Com certeza foram fundamentais. Também agradeço a Igreja Universal de Amargosa que me acolheu com muito carinho no período da graduação.

Sou grata a minha turma 2016.1, em especial à alguns amigos do “grupineo do coração” Janine, Letícia e Amora, que estiveram desde o início ao meu lado, com muito afeto e demonstrando sempre o quanto sou capaz de ir até o fim em prol dos meus objetivos. À Thaíse, Iago, Iolayne, Sicleide, Betariz Soares, Beatriz Araújo, Elissandra, Edriana, Kércia, Jenniffer e Talita que fizeram essa caminhada mais prazerosa.

À Mariana, Sueli, Caroline e Edna pessoas que dividiram a mesma casa comigo, e que demonstraram muito carinho durante toda convivência, uma experiência muito significativa na minha vida. A Jeovane que sempre foi muito solícito. As minhas amigas Jucineide, Patrícia, Lílian, Isis Lorena, Caroline, Stefany, Natali, que compreenderam minha ausência durante esse percurso e que me apoiaram sempre apesar da distância.

À Ana Paula, Camile, Lílian, Luana, Miriam e Cássio amigadas do colégio que são regadas com muito afeto e partilhas.

À instituição do Kumon em Cruz das Almas, representados por Oliver e Rebeca, que me acolheram tão bem, sempre atenciosos e prestativos. Dispostos a ensinar e aprender. Grata pela partilha tão linda.

À Creche e Pré- escola Lápis na mão, representada na pessoa de Jamile Reis, pela oportunidade e aprendizado. E por todo vínculo formado com essa equipe fantástica. Em especial, Juliana, Crislane, Denise, Paloma e Sayonara. Grata por todo incentivo em ir em busca dos meus objetivos e todo carinho que existe entre nós.

Sou grata, ao programa de Educação Tutorial Pet Educação e sustentabilidade, por ser agraciada como bolsista e por total contribuição em minha trajetória acadêmica, também pelos momentos compartilhados de alegria, em especial à Saulo, Manuela e Rebeca. Ao projeto de extensão Teatro Ocupação, por todo conhecimento compartilhado e momentos de afetos vividos, em especial à Helley e Josce. Ao Projeto de extensão CafUné – Cozinha de afetos para Universitárias Negras, que foram momentos como aconchego em meio a correria acadêmica, lugar de produção de conhecimento e de autoformação, sem contar os afetos multiplicados, em especial à Andréia e Luana. Ao grupo de pesquisa POÁ: Psicologias para Organizações Populares e Ancestralidades, em especial aos meus colegas de pesquisa Kamilla, Robervaldo e Ronaldo.

Gratidão a instituição (UFRB) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ao corpo docente, diretores, técnicos e servidores do (CFP) Centro de Formação de Professores, foram essenciais em toda minha formação. Em especial, aos servidores Belmiro, Elis, Josafá, Jucimara, Marcelo e Renata. Aos professores Fernando Henrique, pela alegria e apoio de sempre. Maicelma Maia, por me contagiar com seu amor pela sua profissão como docente e por distribuir tanto afeto aos que cercam. Gilsélia Freitas, que com toda sua ternura nos ensina com cada gesto, nos encorajando a sempre ir além. Andréia Barbosa, pelo seu olhar sensível ao outro que é surpreendente, que ama a educação porque primeiramente ela ama gente. Eurácia Barreto, que é um exemplo de educadora, comprometida, amorosa e que com seu sorriso nos transmite tanta calma. Sirlândia Reis, tão cativante e tão dedicada em tudo que faz. Por fim, não menos importante a minha querida orientadora, Alice Macedo, por seu aceite em me orientar e seu companheirismo nessa trajetória,

compreensão e afeto que a mim é dedicado. Gratidão por exercer a docência com tanta atenção e delicadeza.

Em síntese, agradeço ao Projeto Help por me proporcionar essa experiência encantadora, aos coordenadores do Projeto Help e aos seus voluntários/integrantes que realizam um excelente trabalho com muito amor e entrega, e que contribuíram de forma linda e essencial nessa pesquisa. O meu muito obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”

Paulo Freire

## RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA

Este trabalho tem o objetivo de investigar quais os impactos da educação não formal na vida das pessoas que são alcançadas, a partir do estudo de caso do Projeto Social Help, que atua em todos os estados brasileiros e hoje conta com seis mil voluntários. Na perspectiva de fortalecer a educação em espaços não escolarizáveis, valorizando-os. A educação não formal desenvolve-se como um meio de transformação social para os sujeitos pertencentes, por meio da educação, do afeto e esperança de um futuro em que não apenas terá sonhos, mas possivelmente a realização deles. Essa monografia é uma pesquisa etnográfica de cunho qualitativo. Para coleta de dados foi utilizada uma observação seguida de entrevistas com a voluntária/integrante e o coordenador de cunho municipal e nacional do Projeto. As vivências nesse Projeto Social Help, toca-nos como ser humano, pois a escuta, a empatia, o acolhimento e a solidariedade são quatro bases imprescindíveis desse Projeto.

**Palavras-chave:** educação não formal; psicologia da educação; saúde mental.

## RESUMO NA LÍNGUA ESTRANGEIRA

This work aims to investigate what are the impacts of the education of people who were not formally reached, based on the case of the Social Help Project, which operates in all Brazilian states and today has six thousand volunteers. From the perspective of intensifying education in non-schoolable spaces, valuing them. Non-formal education develops as a means of social transformation for those belonging to it, a means of education, affection and hope for a future in which they will not only have dreams, but possibly their realization. This monograph is an ethnographic research of a qualitative nature. For data collection, an observation was used followed by interviews with a volunteer/member and the municipal and national coordinator of the Project. The experiences in this Social Help Project touch us as a human being, because listening, empathy, welcoming and solidarity are four essential bases of this Project.

**Keywords:** non-formal education; educational psychology; mental health.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFRB- Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia

CFP- Centro De Formação De Professores

ENF- Educação Não Formal

ENE- Educação Não Escolar

EF- Educação Formal

EI- Educação Informal

ONG- Organizações Nacionais Governamentais

PET- Programa De Educação Tutorial

CAFUNÉ- Cozinha De Afetos Para Mulheres Negras

IURD- Igreja Universal Do Reino De Deus

FJU- Força Jovem Universal

TF TEEN- Turma da Fé adolescente



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
3.1 Educação não formal (ENF).....	20
3.2 Surgimento.....	22
3.3 Legislação e políticas públicas.....	23
3.4 Saúde mental na pandemia.....	23
<b>4. CAPÍTULO METODOLÓGICO.....</b>	<b>26</b>
4.1 Tipo de pesquisa.....	26
4.2 Participantes.....	28
4.3 Pesquisa de campo.....	29
4.4 Instrumento de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas.....	31
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>32</b>
5.1 Entrevista com o coordenador nacional do Projeto Social Help.....	32
5.2 Entrevista com a integrante/voluntária do Projeto Social Help.....	38
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO 01 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO 02 – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>49</b>

# 1. APRESENTAÇÃO

Chamo-me Thamires Brandão de Almeida, natural de Sapeaçu- BA, porém resido desde a infância em Cruz das Almas- BA, sou mulher preta e cristã. A minha caminhada na educação não formal é construída de longas datas. Desde criança faço parte da Igreja Universal do Reino de Deus, através do meu tio Anselmo, que me apresentou Jesus e graças a Deus tenho permanecido até hoje e confio que assim será até o fim. Como está escrito na Bíblia sagrada na qual eu creio e procuro pautar a minha vida, “Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22.6). Essa palavra tem se cumprido na minha vida, pela misericórdia de Deus e eu sou muito feliz por isso.

Iniciei essa caminhada, fazendo parte de um grupo de coreografias, em que tínhamos uma responsabilidade de ensaios, apresentações, preparações físicas e espirituais para participarmos. Na minha adolescência eu tomei a melhor decisão que poderia tomar em toda minha vida, a de seguir Jesus como meu único Senhor e Salvador. Aos 11 anos de idade decidi me batizar nas águas, seguir e servir a Jesus por toda minha vida, e ali iniciou-se minha caminhada com Ele de forma ainda mais comprometida.

Em seguida, com 13 anos, fui levantada a obreira e passei a ser educadora na Educação Bíblica Infantil, logo após fui transferida aos 15 anos para ser conselheira TF teen, e aos 17 anos fui transferida para a Força Jovem Universal (FJU) como secretária. Em seguida aos 18 anos me tornei líder do grupo, permaneci na liderança até os 19 anos, depois me tornei secretária e segunda do líder durante 2 anos, pois foi o período que passei a morar em Amargosa-BA para cursar a graduação em pedagogia no CFP. Ainda morando em Amargosa-BA, fui chamada para ser coordenadora novamente em julho de 2018 e estou até hoje.

Para mim foi uma imensa transformação, pois a FJU, é um trabalho intenso, apesar de ser muito prazeroso. Realizamos trabalhos que desenvolvem conhecimento e muita alegria, levando os jovens a descobrirem seus talentos, oferecendo atividades integradoras por meio de shows musicais, eventos culturais, torneios, palestras, cursos, passeios e ações como doações de sangue, alimentos,

roupas e livros em comunidades carentes, clínicas e entidades. Também realizamos grandes mobilizações ao combate e prevenção aos problemas de impactos emocionais, como por exemplo: ideações suicidas, depressão, automutilação, ansiedade, síndrome do pânico, complexos, entre outros.

A FJU é mais que um grupo religioso, nosso objetivo é restaurar vidas de jovens que se sentem desacreditados e pensam até na morte. Desenvolvemos todas as ações de forma voluntária e dedicada, demonstrando que o nosso dedo está apontado não para julgar, mas para dizer “nós acreditamos em você”.

Quando tive oportunidade de adentrar no Help, fiquei muito feliz, pois é um dos Projetos dos quais eu faço parte e mais mexe comigo, me inquieta e tenho grande satisfação. Eu tenho 4 anos no Help, apesar de não ter passado pelas situações da maioria das pessoas que chegam até nós, mesmo assim eu sempre tive muita disposição em ajudar, em trabalhar todos os dias pelo que acreditamos, que uma palavra pode mudar uma vida.

Ajudar o próximo, é o que faz os sinos do meu peito tocarem mais alto, é o que acende a chama do meu coração e faz deleitar-me na beleza e grandeza que é a nossa existência. E nessas relações eu só aprendo e cresço como ser “um humano”. Ainda quando criança eu também participei de Projetos sociais proporcionados pela prefeitura de Cruz das Almas que incluía aulas de música, dança, teatro, esporte e também tínhamos aulas de reforço escolar. Podemos perceber que há uma pluralidade na palavra educação, podendo acontecer em diversos lugares, como afirma Brandão (1981):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias, misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações [...] A escola não é o único modelo de educação; a escola não é o único lugar que ela acontece [...] (BRANDÃO, 1981, p. 26).

Nas escolas que estudei desde a alfabetização que hoje é chamado primeiro ano, até o meu ensino médio sempre gostei de me envolver com os projetos que

ultrapassam os muros escolares. Durante o ensino médio ainda estava com dúvidas em qual área eu iria estudar, mas ao encerrar eu tive a certeza que a educação era o meu lugar. Veio o frio na barriga de sair da minha cidade, do meu lar, do meu aconchego e ir em busca de um sonho. Sonho esse, regado de lágrimas e renúncias. Mas também com bons encontros e aprendizados. Sonho de ser educadora e poder ser alguém que através de uma educação transformada, humana e sensível possa intervir no mundo através de outras vidas. Quando adentrei a universidade com os meus 19 anos, também segui o mesmo perfil que já fazia parte da minha vida de estar envolvida em várias atividades. No mesmo mês que cheguei ao CFP, já comecei a fazer parte como voluntária do projeto de extensão Balaio de Gato, participando do reforço escolar na rodoviária com as crianças da Escola Municipal Professora Rosalina Bittencourt com duração em média de 1 ano, depois fiquei mais uns 6 meses com as crianças da Escola Municipal Vivalda Andrade de Oliveira de forma voluntária. Ainda como voluntária no Projeto de extensão Balaio de Gato, eu entrei para um grupo de estudos com a professora Alice sobre educação não formal, depois no grupo “Vem que tem teatro e emancipação” e em seguida no CAfUNé. Também fui bolsista do PET Educação e Sustentabilidade por média de 2 anos. Chegou um período em que eu participava de todos os projetos ao mesmo tempo, mas eu ficava radiante mesmo em meio a correria, porque eu amo gente e estar perto de gente também. Ficava contente ao participar de eventos, mesmo que fossem somente como ouvinte, eu sempre segui um perfil de participar de atividades concomitantes, me sentia realizada e feliz por poder contribuir comigo mesma e com o outro.

E por que resolvi escrever toda essa apresentação antes mesmo de adentrar no tema desse Trabalho de Conclusão de Curso? Porque toda a caminhada pessoal e acadêmica do sujeito influencia fortemente suas inquietações e perguntas de pesquisa, suas escolhas metodológicas e temáticas, assim como o modelo de análise. Na Antropologia, segundo Defreyne *et all* (2010), apresentar a história do pesquisador é revelar o modo como ele se implica em seu objeto de pesquisa, é discutir sua imersão em campo, e/ou o modo como interpreta e é interpretado pelo outro. E Macedo (2015) vai ainda além: apresentar-se enquanto sujeito e pesquisador é mais do que tecer uma autobiografia puramente estética, mas representa um rigor metodológico, pois demarca de que lugar (ou ângulo) os resultados, discussões e conclusões foram perspectivados.

## 2. INTRODUÇÃO

O Projeto HELP é um grito de socorro, criado por pessoas que superaram problemas de forte impacto emocional, com o objetivo de ser um socorro para todos que precisam de ajuda para superar problemas relacionados à saúde mental. É formado por milhares de jovens em quase 135 Países, que acreditam e lutam pela vida. Acreditamos que todo ser humano é capaz de superar os problemas de grande impacto emocional. Através do Help, durante todo o ano são realizadas palestras laicas e com foco na valorização da vida, explanando temas como bullying, automutilação, ansiedade, depressão. Fazemos atendimentos através da nossa plataforma online e nas redes sociais, por meio dos voluntários oferecemos esse suporte e também temos o atendimento durante as atividades presenciais. Efetuamos campanhas com temas mensais, para ajudar no combate e prevenção dos problemas relacionados à saúde mental, e promovemos eventos e ações alertando a sociedade para o tema, pois temos como missão não tratar desse assunto somente em setembro, mas durante todo o ano.

Este trabalho monográfico tem o objetivo de identificar quais impactos a Educação não formal tem na vida das pessoas que atuam no Projeto Social Help, como ele tem contribuído para transformação desses sujeitos. Demonstrar também a importância da Educação não escolar como instrumento de valorização dos conhecimentos não escolarizados. O interesse em pesquisar sobre **“Help”, o grito dos projetos sociais: quando o socorro enuncia a emergência de acolhimento e saúde mental em tempos pandêmicos** surgiu a partir da minha vivência no Projeto Social Help, coordenado por Lírio em São Paulo. Projeto com o intuito de ajudar jovens que têm depressão, ansiedade, sofre com automutilação e ideações suicidas através de voluntários que já passaram as mesmas situações e superaram.

Temos como lema “Uma palavra pode salvar uma vida”. O projeto Help surgiu com o intuito de não julgar, mas sim ajudar jovens a superarem situações de forte impacto emocional. Criado desde 2018, contém mais de 6.000 voluntários em todo o País que ajudam e orientam pessoas que sofrem com os problemas que um dia eles também sofreram e superaram.

Tal projeto social configura-se como uma rede de educação não formal na medida em que representa um grupo de pessoas que se reúnem com uma intencionalidade específica, com métodos bem articulados e surgidos espontaneamente em meio aos próprios encontros de fundação da proposta. Além disso, apresenta um objetivo comum: discutir, organizar ações, atividades formativas e interventivas, mediações, materiais informativos e motivacionais, encontros presenciais e remotos, mensagens de incentivo e acolhimento; todos em prol da saúde mental de outros sujeitos humanos.

A educação não formal resiste a uma desvalorização educacional, pelo governo e pela população elitizada, pois em sua maioria as pessoas que atuam na educação não formal não possuem formações acadêmicas, sem diplomas e cursos, mas obtêm um conhecimento muito valioso que é o conhecimento popular. Tem sido um meio de transformação social, quando identificamos os impactos causados na sociedade, por exemplo: a educação não formal como instrumento de inclusão, sendo um lugar em que os indivíduos aprendem a buscar seu próprio conhecimento e levar para sua comunidade, em que fortalece os valores morais, instiga a curiosidade e proporciona um desenvolvimento em suas habilidades.

A partir de então, no Help, vemos uma prática educativa que pode transportar os participantes a novos saberes e potencialidades. Também quando esses jovens que estão desacreditados de um futuro melhor, sem perspectiva alguma, e através desse projeto social, encontram sentido para a vida, e já não querem mais morrer, querem viver e levar vida para os demais. Isso não tem preço, tem um valor impagável.

Esse modelo de educação vem dando autonomia para os jovens que são integrantes do projeto, de haver um reconhecimento como indivíduo pertencente a uma sociedade em que ele pode ser o próprio protagonista do seu conhecimento, e que pode encontrar saberes populares em tudo ao seu redor, valorizando as educações não formais existentes. Como lembra Gohn (2010, p. 34), a educação não formal “consiste em uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis”.

Desse modo, a autora reafirma que há essa desvalorização, sendo notável o preconceito com a educação não escolarizada, como se o centro de todos os conhecimentos tivesse que ser a escola e que todos os outros saberes populares não tivessem a mesma significância. Sabendo que:

É preciso compreender que a escola não formal com sua função social, vem a complementar mesmo atender a parcelas da população que, em última instância, talvez jamais tivessem a chance de frequentar a escola formal que tradicionalmente se conhece (AFONSO, 2001, p. 31).

Assim, segundo o autor, a educação não formal trouxe oportunidades para a classe trabalhadora que jamais pensou que alcançaria um espaço educativo para que pudesse ser utilizado como ferramenta de ampliar seus conhecimentos.

Sobre a educação não-formal Delors nos lembra que:

[...] produto de uma dialética com várias dimensões [...]. Experiência singular de cada pessoa ela é, também, a mais complexa das relações sociais, dado que se inscreve, ao mesmo tempo, no campo cultural, no laboral e no da cidadania (DELORS, 1999, p. 107).

A educação não formal também defende a ideia de que não se aprende somente em uma fase da vida, mas que em qualquer tempo, pode-se crescer em conhecimento, desenvolver a criticidade, buscar novos saberes e potencializá-los, isso tudo é possível, mesmo longe de muros escolares.

A partir das questões apresentadas anteriormente, elencou-se o seguinte problema de pesquisa: identificar quais impactos a Educação não formal tem na vida das pessoas que atuam no Projeto Social Help. A partir do problema apresentado, para alcançar os resultados, foram delimitados objetivos, geral e específicos, com o intuito de nortear os caminhos da pesquisa. Sendo o seguinte objetivo de pesquisa: Investigar a emergência do cuidado da saúde mental em tempos pandêmicos no seio do Projeto Social Help. Quais impactos na vida dos sujeitos que integram o Projeto? Diante desse objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: I. Conhecer as práticas educativas da educação não formal do Projeto Social Help; II. Pesquisar as percepções dos integrantes do Projeto sobre os impactos dele na comunidade local; III. Perceber como o Projeto contribui para a formação dos sujeitos que dele fazem parte. Para fundamentar esta monografia, vamos apresentar os autores: Maria da Glória Marcondes Gohn (2014), Aparecida Meire Calegari-Falco (2017), José Leonardo Rolim de Silva Severo (2015), contribuindo diante das leituras de seus trabalhos, para o embasamento teórico.

Após realizar algumas leituras das obras dos autores citados anteriormente foi

possível identificar que, segundo Gohn (2014, p. 42), a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, destacando, entretanto, sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens.

Dentro dessa perspectiva, Falco (2017, p. 263) contribui dizendo que os espaços de educação não formal/não escolar são espaços para expressar o sentimento de indignação e inconformismo após a percepção das injustiças sociais e levar a educação como uma ação comunitária, política ou social. O autor Severo (2015, p. 573) retrata a Educação não escolar (ENE) como cenário de práticas pedagógicas que se constroem pela ação dos profissionais da pedagogia e de demais educadores especializados.

A metodologia usada foi a pesquisa de natureza qualitativa, para coleta de dados da pesquisa, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, um roteiro-base fundamentado em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que oferecem amplo campo de perguntas, geradas através de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos entrevistados: uma voluntária/integrante do projeto e um coordenador do projeto. Foram utilizados também observações participantes e registros em notas de campo, ao longo da minha participação no Projeto Help (como pesquisadora e voluntária dessa iniciativa).

O presente trabalho monográfico está estruturado em 5 capítulos. O primeiro é uma apresentação acerca do percurso acadêmico e pessoal da pesquisadora; o segundo é esta introdução, contendo de forma resumida as motivações, problema de pesquisa, objetivos, geral e específicos, autores estudados e metodologia para a realização deste trabalho monográfico. O terceiro capítulo é sobre o que é a educação não formal, como surgiu, suas legislações e políticas públicas. O quarto capítulo é sobre a metodologia não formal e os impactos sociais. O quinto capítulo é de análise de dados, discussões e resultados da pesquisa. Além das considerações finais que abordarei algumas reflexões sobre a pesquisa e se o objetivo foi alcançado.

Por meio desse trabalho, espero contribuir para a ampliação das discussões sobre a educação não formal, deixando em evidência a sua importância para a sociedade. Espero colaborar para a elaboração de outras pesquisas na área. Espero incitar a sociedade sobre a importância desses espaços não escolares para que

permitam-se conhecer e participar de suas iniciativas, atividades e ações. Desejo que estimule também o interesse de profissionais e estudantes para desenvolver projetos voltados para a educação não escolar.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 Educação não formal (ENF)**

Para desdobrarmos a educação não formal, iremos começar fazendo distinção das três modalidades de educação, a formal, informal e não formal. De acordo com Gohn:

... a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GOHN, 2006, p.28).

Portanto, a educação formal é institucionalizada, há um espaço adequado para o ensino-aprendizagem, com currículos e planejamentos sistematizados, mantendo as regras e padrões. A educação informal não tem espaços certos para ocorrer, se dá a partir das relações sociais e convivência de familiares, amigos, sem intencionalidade, envolve valores, culturas e costumes. Porém na não formal há intencionalidade, mesmo não existindo tantas regras, normas e padrões como a formal e não seguindo um currículo sistematizado, mas se dá a partir da coletividade, trocas de experiências, escuta e acolhimento, ao trabalhar a subjetividade do grupo e ao mesmo tempo contemplando a todos. Sabendo disso, as três modalidades são importantes e uma não substitui a outra, elas são complementares entre si.

A educação não formal segundo Gohn:

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais

de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas (GOHN, 2014, p. 40.).

Podemos perceber que a educação não formal pode ocorrer em diferentes ambientes, oferecendo aprendizagens e potencialidades para cada indivíduo. Existe em diversas instituições não-governamentais, organizações-instituições, programas e projetos sociais, igrejas, hospitais e empresas. Os sujeitos que integram esses espaços não formais agregam princípios e valores por meio das suas ações educativas. É importante destacar que a educação não formal é marcada pela ausência de regras e normas padronizadas, pois os objetivos planejados abrangem atender especificamente todo o público e a sua metodologia é bastante flexível, alcançando todos os seus participantes. Sem contar que a educação não formal é uma ferramenta de luta contra as desigualdades e exclusões sociais. Espaços onde formam cidadãos críticos e formuladores de ideias, sensíveis a escuta e as motivações dos integrantes.

A educação não formal tem a função de formar o ser humano em diversos aspectos. A experiência, a cultura e o saber popular são valorizados e compartilhados coletivamente, potencializando a aprendizagem através das habilidades e competências. As vivências e experiências são o que enriquecem a educação não-formal.

### **3.2 Surgimento**

Em meados das décadas de 60 e 70 do século XX, surgiu no Brasil o termo “educação não formal” a partir dos movimentos sociais e suas organizações. Sendo

muito importante essa consolidação para legitimar o termo e assim receber a devida atenção e ascensão:

Os movimentos sociais foram pioneiros na utilização dos processos de educação não formal, anteriores aos programas e projetos sociais das ONGs, que são dos anos de 1990 para cá. Já nos anos de 1970 e parte de 1980, quando tínhamos movimentos ligados às pastorais religiosas, ou às comunidades eclesiais de base, a educação não formal estava presente, por exemplo, na aprendizagem para se fazer leituras do mundo. Reunia-se a comunidade em círculo no salão paroquial para discutir como eles recebiam os salários e como se distribuía esses salários. O objetivo era que os participantes tivessem uma compreensão do momento histórico que viviam, do regime político vigente e do modelo econômico que regulamentava o sistema econômico. Analisava-se se a população estava sendo explorada ou não. Isso levou à formação do Movimento do Custo de Vida, que teve papel muito importante na luta contra o Regime Militar, porque com ele se recolheu milhares de assinaturas que davam respaldo a um manifesto contra a situação econômica vigente. Esta ação culminou com a elaboração de uma carta ao então presidente da República, um militar, aglutinando vários outros movimentos sociais (GOHN, 2014, p. 44).

Evidencia-se a partir de uma necessidade da sociedade de oferecer uma educação em para além dos muros escolares, de forma emergente para todas as classes e com muita luta, como sempre acontece com as conquistas da classe trabalhadora e menos favorecida (mulheres, pobres e pretas).

### **3.3 Legislação e Políticas Públicas**

De acordo com a LDB nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), nota-se que inclui além da formação em espaços escolarizáveis formais, no artigo 1º diz que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Portanto a educação não formal torna-se tão importante quanto a educação formal, ficando claro que existem várias modalidades de educação. Mas sabemos que, apesar dessa lei, a luta por uma educação não formal que buscamos ainda está distante, pois ainda há muita desvalorização dessa área por parte até mesmo de

muitos educadores, que poderiam ser os primeiros a lutarem em prol de práticas educativas através da educação não formal para a nossa sociedade, para que haja inclusão, autonomia, coletividade em cada parte do nosso Brasil. Queremos um olhar sensível e políticas que assegurem essa prática educativa por parte do governo, e para que isso aconteça ainda é necessário lutarmos por isso e não paramos de apoiar cada Ong, Projeto Social, cada comunidade que abraça e acolhe essa causa.

A ENF segue um perfil de práticas pedagógicas que tornam os sujeitos capazes de fazer uma leitura do mundo, eleva o nível de criticidade, com competência de discutir relações políticas, econômicas, e combater a desigualdade social. De acordo com Steffani (2011, p. 200), “o conceito escola se expande muito além dos muros escolares, incluindo todas as relações pessoais e coletivas, que incorporam tanto o ensino formal quanto o ensino não formal”.

O aprender de forma multidisciplinar e de modo mais simples, sabendo que com quaisquer relações estamos aprendendo, não por meio de um controle, mesmo sendo subordinadas a regras, porém de forma mais leve.

### **3.4 Saúde mental na pandemia**

Segundo a Organização Mundial de Saúde:

A saúde mental é uma parte integrante e essencial da saúde e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade, sendo definida como um estado de bem-estar no qual um indivíduo realiza suas próprias escolhas, lidando com as questões do cotidiano, atuando produtivamente através do trabalho e contribuindo com a sua comunidade. A saúde mental e bem-estar são fundamentais tanto na forma coletiva como individual, e para tal ser desenvolvida e preservada necessita de medidas de promoção e proteção que melhoram o bem-estar psicológico dos indivíduos e populações (OMS, 2013).

A saúde mental deve ser cuidada com tamanha atenção como a saúde física, pois a falta de zelo pode ocasionar vários problemas como, por exemplo: estresse, ansiedade, depressão, entre outros. Sabemos que a mente humana é quem comanda todo o corpo e quando a mente não vai bem todo o corpo padece com o seu fracasso.

Então podemos dizer que são imprescindíveis o cuidado, a atenção, a prioridade pela nossa saúde mental. Pois a cada dia cresce o número de pessoas com doenças psicológicas, causadas por traumas, cansaço, irritabilidade, exaustão, sobrecarga de trabalho, precariedade, frustração, conflitos familiares, influência da mídia quanto a posição social, padrões estéticos, entre outros.

A pandemia do novo coronavírus marca fortemente o início do século XXI, ao ocasionar crises na dimensão de saúde, sanitária, econômica, social, política, educacional e na saúde mental dos indivíduos. Essa onda pandêmica teve seu início em dezembro de 2019, os primeiros casos foram notificados e divulgados segundo a OMS (Lana et al., 2020). Esse dado está relacionado ao novo ciclo que vivemos, a pandemia do novo Coronavírus, mas conhecida como a Covid-19.

A covid-19 é uma doença viral causada pelo SARS-CoV-2, vista que pela primeira vez na China. O ponto preocupante que a difere de outras doenças é seu alto índice de transmissão. O coronavírus pode ser transmitido de pessoa a pessoa através de espirro, tosse e até aperto de mão. Sendo um vírus novo para a humanidade, vacina e medicação eficiente para combatê-lo ainda não são limitadas. Portanto o cuidado mais eficaz é isolar-se (SANTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 76).

Ao ser divulgado no Brasil, a OMS seguiu com as recomendações de: lavar as mãos frequentemente, usar máscaras e álcool em gel sempre, manter distância de no mínimo um metro entre outras pessoas, evitar sair pelas ruas caso não houver necessidade, evitar tocar em objetos pessoais de outras pessoas. E essa onda de Coronavírus trouxe consigo muitos problemas mentais na vida das pessoas, muitos ficaram piores em sua saúde mental, e tantos outros desencadearam problemas mentais. Juntamente com a pandemia, veio o isolamento social para evitar o contágio e a assim a propagação e o aumento no número de doentes. Dessa forma, restringiu muito, as pessoas isolaram-se da sua rotina, dos amigos, do lazer, do sair para trabalhar, visitar as pessoas, se exercitar em um local com outras companhias, impediu muito a socialização, o contato com o outro, o sentir, o tocar, o sensibilizar ao olhar, olho no olho.

O afeto, o carinho e o cuidado só foram possíveis sentir através das telinhas de computadores, celulares, por meio de chamadas de vídeos, mas houve uma falta de

um aconchego maior, coisas que só um cafuné e um abraço podem fazer. Várias famílias que não souberam lidar dentro da sua própria casa com todos ali reunidos diuturnamente, não estavam habituados nessa rotina. Foi tudo novo e foi preciso ressignificar o momento. Aprendemos com a vida a sermos resilientes e a pandemia trouxe isso, pais que viraram professores, pais que viraram babás, houve multitarefas. Sem contar os medos e as incertezas das pessoas de serem diagnosticadas com o vírus da covid-19 e a dor do luto por perder familiares nessas situações. De acordo com Hortulanus (2006 *apud* FOGAÇA; AROSSI; HIRDES, 2021, p. 2):

O isolamento social é classificado como um ato voluntário ou involuntário de se manterem os indivíduos isolados do convívio com outros indivíduos ou com a sociedade. O isolamento social voluntário é aquele em que a pessoa, por conta própria, afasta-se do grupo de convivência e da sociedade por problemas pessoais, tais como depressão, ou sentimento de não identificação com ele. O isolamento social involuntário pode ocorrer por outras questões, como a guerra (quando os civis são obrigados a isolar-se em casa ou em abrigos por segurança) e por questões sanitárias (quando, em exemplo do ocorrido devido à pandemia da COVID-19, os indivíduos necessitam isolar-se para evitar a propagação da doença).

Durante o isolamento social, as pessoas tinham um nível de irritabilidade maior, estresse, raivas, medos, receios, pensamentos obsessivos, comportamentos compulsivos, humor depressivo, instabilidade financeira causada pelo desemprego, pois muitos migraram para o trabalho de forma remota, o famoso *home office*, mas muitos perderam seus empregos, e com isso as inseguranças e incertezas do amanhã só cresceram. Sabemos que o isolamento é necessário, juntamente com a prevenção que chegou de forma positiva, porém trouxe também muitos pontos negativos, o medo da contaminação, a duração do distanciamento e as notícias inadequadas sobre a covid-19, foram alguns dos pontos negativos que geraram ainda maiores problemas.

Cabe ressaltar que os efeitos para a saúde mental, em geral, são mais marcados nas populações que vivem em condições precárias, possuem recursos escassos e têm acesso limitado aos serviços sociais e de saúde (OMS, 2020). A desigualdade social gritando em todos os lados, matando ainda mais do que o próprio coronavírus. Durante a pandemia foram perceptíveis as diferenças no atendimento, no cuidado entre brancos e pretos, entre ricos e pobres. Felizmente, temos o SUS (Sistema Único de Saúde) mas que, por seu processo de sucateamento e descaso do

governo federal, não foi suficiente para salvar vidas. Então aqueles que tiveram melhores condições econômicas sobreviveram mais, do que os que não. Então não há como falar de pandemia, e não salientar que os mais pobres tiveram o maior impacto nessa pandemia.

## **4. CAPÍTULO METODOLÓGICO**

### **4.1 Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de perfil exploratório, já que o pesquisador inicia sua investigação com um conhecimento muito circunscrito sobre o campo estudado, colocando-se, portanto, à disposição para, a partir de sua imersão, perscrutá-lo (GONÇALVES, 2005). Além disso, o presente estudo expressa um corte transversal, pois prevê uma pesquisa situada em um determinado intervalo de tempo (como uma fotografia do presente momento) e em um determinado espaço e grupo específico (GONÇALVES, 2005).

Essa monografia é uma pesquisa etnográfica, que busca conhecer as vivências, saberes e culturas de uma comunidade. Para tanto, a pesquisadora encontra-se partícipe e ao mesmo tempo observadora do Projeto Social a ser estudado, o que permitiu inúmeros registros de campo, em seu diário de notas. Ao investigar os impactos que são causados na vida dos integrantes do Projeto Social Help, será discutido como ele faz parte da vida desses sujeitos, qual sua importância e como, através desses sujeitos, outras pessoas também são alcançadas.

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência (SEVERINO, 2007, p. 119).

Esse modelo de pesquisa visa mergulhar em uma comunidade conhecendo e aprendendo com seus saberes populares. Essa pesquisa será realizada no Projeto Social Help, que existe em todos os estados Brasileiros e em Países que tem correspondentes. O Help está no Brasil e no mundo. Conta com a participação da

coordenação nacional e de uma jovem alcançada pelo Projeto que é integrante/voluntária, sendo um coordenador e uma voluntária do Help para obtenção dos resultados da pesquisa.

Como já destacado anteriormente, a pesquisa é de cunho qualitativo, pois como se refere Gil (2002, p. 134), “nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos”. Desse modo pretende-se dar subsídios de interpretação ao pesquisador para colher resultados carregados de significados para os sujeitos.

Para coleta de dados da pesquisa, utilizaram-se a observação participante, registros em diário de campo, entrevistas semiestruturadas, um roteiro-base fundamentado em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que oferecem amplo campo de perguntas. Sendo assim, para que obtenha uma discussão mais ampla, faz-se necessária a leitura de teóricos que ampliem a visão sobre o tema desejado. Gil aborda que:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002, p. 53).

Quando observamos e realizamos essa análise, torna-se mais fácil alcançar o resultado, pois esse percurso nos faz notar detalhes que são importantes para a pesquisa. Para Gil (2008, p. 8), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento. Dessa forma para considerarmos um trabalho como científico, é necessário trilhar um caminho até chegar ao conhecimento. Através da observação será necessário desenvolver questionários para entrevistas, realizar a coleta de dados e analisá-los.

Na realização da pesquisa faz-se necessário sentir, perceber o que está a sua volta, pois muitas atitudes falam mais que palavras. É importante estar atento a

cada detalhe visto e percebido. Como afirma Le Boterf (1984, p. 58 *apud* GIL, 2002, p. 50):

Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano: "ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; Viver junto' em vez de visitar".

Todas essas sensações contribuem também para a análise de dados, pois não passam despercebidas em uma pesquisa etnográfica. Essa análise irá responder a problemática e as perguntas surgidas ao decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

## **4.2 Participantes**

Colaborou com esta pesquisa um espaço de educação não formal: Help, projeto que trabalha com a juventude no Brasil e em 135 Países ao redor do mundo. Representado por um coordenador e por uma integrante/voluntária deste projeto. A seguir os participantes serão apresentados sucintamente. Por uma questão ética, irei usar nomes fictícios para manter o sigilo sobre a vida dos entrevistados.

Lírio tem 40 anos, reside em São Paulo, é formado em Análise de Sistemas, tem como profissão arquiteto de *software* e atua como coordenador do Projeto Help em todo o Brasil. Orquídea tem 23 anos, reside em Cruz das Almas- BA, é estudante em Gestão em administração, trabalha como operadora de caixa, e é integrante/voluntária do Projeto Help.

Atualmente, eu Thamires Brandão de Almeida, tenho 25 anos, resido em Cruz das Almas – BA, além de ser estudante de pedagogia e pesquisadora, assumo a função de colaboradora do Kumon que é uma instituição em que temos um método de estudos individualizados que desenvolve habilidades para toda a vida. Desenvolvo também o trabalho como integrante/voluntária do Help há exatamente 04 anos. A história, as entrevistas com o coordenador e a voluntária, e as minhas próprias experiências estarão presentes no capítulo de resultados e discussões.

Apresentar-se como pesquisador implicado em seu próprio estudo, ao narrar sua trajetória e vinculação no/ao campo é menos uma autoexposição biográfica e mais uma abordagem metodológica rigorosamente cuidadosa, porque uma análise de qualidade deverá sempre indicar de onde ela foi perspectivada (DEFREYNE et al, 2010).

### **4.3 Pesquisa de campo**

Sendo necessário escolher um tipo de pesquisa para contemplar o objetivo geral, que é saber a emergência do Projeto Help em tempos pandêmicos e como ele contribui para auxiliar na saúde mental das pessoas, a pesquisa de campo pareceu uma estratégia relevante.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre elas (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 83).

É um tipo de pesquisa que busca conhecer as relações e experiências diretamente com as pessoas que integram o espaço. Com auxílio de um questionário pré-estabelecido, que pode sofrer alterações ao longo do percurso e uma observação participante.

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, segundo Deslandes (2007, p. 21), essa responde a questões muito particulares, não podendo quantificar a realidade, trabalha com intuição, exploração e subjetivismo, aprofundando-se nas ações e relações humanas, a exemplo de análises de comportamentos, motivações, compreensões de uma realidade social e saberes comunitários; investigações em projetos e organizações populares etc.

Dessa forma, observamos que a pesquisa qualitativa busca por uma sensibilidade e minúcia durante a observação, não por números, mas por relações entre os sujeitos e através de diálogos e vivências.

É considerar pesquisa participante como aquela baseada na interação ativa entre o pesquisador e grupo pesquisado e que o toma como sujeito e não objeto. Esta realiza-se, principalmente, na conjugação da investigação com os processos mais amplos de ação social e de geração coletiva do conhecimento que não esgota com a finalização da pesquisa (M. CÍCILIA. PERUZZO; KROHLING, 2017, p, 168.).

Portanto, é o tipo de pesquisa em que o pesquisador participa ativamente no projeto, tendo uma observação e uma investigação amplas e críticas. Faz-se necessário ter um olhar sensível sobre o grupo pesquisado, para enxergar seus desdobramentos, suas questões sociais e assim fazer as abordagens necessárias, e a partir de então, trazer resultados inesperados.

Uma das características da observação participante pode ser uma metodologia que:

[...] os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada no intuito de serem mais bem aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado (THIOLLENT, 2003, p. 15).

Com a finalidade de observar as atividades cotidianas, os processos comunicativos, as relações interpessoais, e ações coletivas. Gerando uma contribuição de descobertas científicas e auxílio social na sociedade.

Os autores Denzin e Lincoln (2005, p. 3) definem de forma inicial a pesquisa qualitativa como:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.

Foi escolhida esse tipo de pesquisa, porque o pesquisador mergulha no grupo pesquisado, compreendendo as relações, comportamentos, vivências e estilos de vida

através de uma comunicação e observação, para assim obter os resultados qualitativos.

#### **4.4 Instrumento de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas**

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, em que o entrevistado se sentia mais à vontade para responder sendo direcionadas por perguntas pré-formuladas para obtenção de dados. Os sujeitos entrevistados foram: o coordenador nacional e uma integrante/voluntária local do Help (sendo uma delas a própria pesquisadora), para sabermos como funciona o projeto, quais atividades realizam e qual impacto na sua vida e na vida dos alcançados por meio dela. As entrevistas foram realizadas com pessoas de localidades diferentes, para que possamos compreender qual a diferença nas atividades e no alcance das pessoas e quais desafios esse projeto encontra pelo caminho. Para Severino (2007, p. 124) a entrevista é usada para saber como os entrevistados “pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”. Entrevistas por meio de diálogos para que pudessem se sentir confortáveis ao responder, para que depois sejam selecionadas partes que auxiliarão a pesquisa.

Como diz Duarte (2002, p.147):

Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. A autora considera que, por essa razão, existe uma distinção nítida entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista movidos por interesses diferentes.

Por isso, é importante tamanha atenção do pesquisador para observar gestos, intenções que estão por trás das falas e cautela ao separar as partes que serão incluídas na pesquisa, dados que interessam na sua investigação e aqueles que não.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

## 5.1 Entrevista com o coordenador nacional do Projeto Social Help

As entrevistas e as vivências realizadas com integrantes/voluntários (sendo um deles coordenador) no Projeto Social Help contribuíram nas análises que guiaram as reflexões e discussões deste capítulo. Os dados coletados foram analisados e discutidos com base no objetivo geral da pesquisa, que é investigar a emergência do cuidado da saúde mental em tempos pandêmicos no seio do Projeto Social Help. Nesta sessão serão apresentados os dados obtidos com a pesquisa em um projeto que compõe uma rede nacional de educação não formal ligada à saúde mental.

A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/ conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do empowerment do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesse comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. (GOHN, 2006, p.30).

De acordo com Gohn (2006, p. 30), nos Projetos Sociais há um interesse em comum entre os seus voluntários, e dentro desses interesses em comum, desenvolvemos laços de pertencimento. No Help não é diferente. Há um pertencimento, não apenas nas histórias semelhantes entre os voluntários: “não apenas eu fui ajudado e agora irei me dispor a ajudar também”. Mas na intenção, no desejo, na vontade de, mesmo em meio aos empecilhos surgidos ao longo do caminho, não parar e prosseguir com o trabalho.

O Help é o espaço de educação não formal que tive a honra de conhecer e ser uma integrante/voluntária há 4 anos. Projeto Social composto por mais de seis mil voluntários no País e em correspondentes fora do País. O entrevistado Lírio, coordenador do Projeto, nos relata um pouco sobre sua trajetória dentro do Projeto Help, como foi seu processo e como adentrou.

Podemos observar que o início do Help é um grito de socorro próprio, eu fui ajudado e ajudo alguém, como diz Lírio (2022) “eu tive síndrome do pânico grave, com uma dívida impagável, perdi empresa, perdi casamento, então eu tive sérios

problemas por conta desse transtorno de ordem de saúde mental que é a síndrome do pânico”. O desejo de fazer o bem, por ter recebido o bem de alguém é incontestável. Lírio traz a superação como palavra principal em sua vida, pois como diz que: “no momento da minha maior dor, eu encontrei a minha maior força.” Quando ele pensava que não iria conseguir superar seus problemas de ordem de saúde mental, foi exatamente o momento que ele conseguiu superar, que ele notou o tamanho da força que havia em si, porque até então a situação era maior do que ele, mas quando ele se tornou maior que os problemas, ele reconheceu a força que havia dentro dele, não conheceu, ele reconheceu, porque toda aquela força já estava lá.

[...]a investidura nessas atividades contribui de forma significativa para o desenvolvimento pessoal e profissional, possibilita a descoberta de novas aptidões, contribui para o aumento do círculo de amizade e traz a satisfação da certeza que é possível ajudar o próximo (BARELI; LIMA, 2010, p.177).

A satisfação habita dentro daqueles que verdadeiramente ajudam porque amam. Lírio afirma que se identifica “muito com o Projeto, com o que ele se propõe a fazer, com o que ele faz efetivamente que é levar as pessoas a entenderem que elas podem sim superar, que elas na verdade devem se superar, ao invés de desistir.” O Projeto Help leva as pessoas a um acolhimento, a um primeiro socorro e a uma consciência que sim, você pode superar, você pode vencer, como no lema: “eu estive assim e venci... E assim como eu, você também pode”. Nessa proposta, única coisa que te farão acreditar que você não pode, é de desistir: “assim como hoje estou cicatrizado, irei te ajudar a cicatrizar também”. O ato de ser voluntário e de ajudar as pessoas é muito sobre si, sobre quem éramos e quem somos hoje.

Além disso, a proposta do projeto é que os voluntários são aqueles que já passaram por questões de saúde mental antes. Ou seja, são eles que vão organizar ações, intervenções, mensagens, materiais informativos, e são eles que vão desenvolver os encontros de acolhimento daquelas pessoas que estão no momento passando por tudo aquilo que eles passaram e já superaram. Isso nos leva a pensar que aquele que cuida e aquele que é cuidado estariam compondo a mesma tessitura topológica (GODOY, 2012). Em outras palavras, nas percepções de saberes

populares brasileiros, não haveria cisão entre quem cura e quem é curado; entre quem cuida e quem é cuidado (LEMOS; BAIRRÃO, 2013).

O Projeto Help nasceu segundo Lírio em:

Janeiro de 2018, e... a história dele começa com a história de superação das pessoas que tiveram a iniciativa de dar início a ele, que são pessoas que enfrentaram e venceram e superaram problemas de ordem de saúde mental, é... ele nasceu com o lema não te julgo, te ajudo.

Como podemos perceber pelo lema dito anteriormente, o Projeto surge pela emoção do medo. De não falar. De não assumir. Medo de buscar ajuda. Medo de ser julgado. Para que as pessoas venham entender que o Help é um lugar de acolhimento, de escuta, de ajuda sem julgamentos.

A palavra superação e suas variações aparecem 30 vezes e a palavra ajuda e suas variações aparecem 17 vezes, apenas na entrevista com Lírio, demonstrando que o que move esse coordenador/voluntário é a sua aptidão em ajudar e em levar para as pessoas que a superação está no alcance delas, toda força que buscam fora, na verdade está dentro de si. Como ele diz: “elas podem entender que a pessoa forte que elas são, essa força ela vem de todas as experiências de superação que elas vão acumulando durante a vida”.

Sobre o trabalho do Help e a psicologia Lírio aborda que:

É um trabalho que não é substitutivo, não substitui o trabalho do psicólogo, é um trabalho de acolhimento, é um trabalho que procura dividir com as pessoas histórias de superação, trazer para as pessoas uma visão diferente do que elas estão enfrentando, pra que ao invés delas experimentarem ideias negativas, ideias pessimistas, e em muitos casos ideias de tirar a própria vida, as pessoas consigam entender que o que elas na verdade precisam não é tirar a vida, é tirar a dor de dentro de si. LÍRIO

O trabalho do Help, é sobre acolher, ouvir, ajudar, motivar, ressignificar e não substitutivo ao trabalho do psicólogo. Pois reconhecemos a importância dos profissionais em sua atuação. Uma fala também importante é quando Lírio comenta que: “as pessoas consigam entender que o que elas na verdade precisam não é tirar

a vida, é tirar a dor de dentro de si”. Muitos em situações de desespero enxergam os problemas maiores do que de fato eles são, e pensam que para essa dor e sofrimento causados por esses problemas passarem, somente tirando a própria vida, mas sabemos que existem outras formas de resolução, como por exemplo tirar essa dor, ressignificá-la na em nossa vida, aprendermos com ela e enxergá-la de forma positiva. É essa visão que tentamos mostrar para as pessoas para que consigam enxergar toda grande força que existe em si, força essa que todos esses problemas enfrentados nos proporcionam.

Com base na leitura de Bairrão (2003), é possível refletir sobre a importância de estratégias terapêuticas para lidar com a depressão e outras questões de ordem da saúde mental, ao destacar que o processo do tratamento (seja lá a escolha ou a linha escolhida pelo sujeito) diz respeito a uma mudança de destino, à responsabilização do sujeito do inconsciente acerca das escolhas que ele faz nos caminhos a serem trilhados e retraçados.

Lírio relata que “o Projeto contém mais de seis mil voluntários... atualmente ele está em todos as capitais do País, felizmente. Em alguns locais fora do País, onde temos correspondentes...”. É muito satisfatório ver que tantas pessoas superaram problemas de saúde mental, e que muitos ainda podem ser alcançados através dessa “grande corrente do bem”, nas palavras de Lírio: “o Projeto começou com poucas pessoas, mas foi se formando uma verdadeira corrente do bem”. Essa fala nos dá esperança e alegria, de poder imaginar que existem pessoas independente dos seus afazeres, compromissos diários e suas grandes responsabilidades, se abdicam de seu tempo que é o que temos de mais precioso, para levar um pouco de si e ajudar aos que precisam de ajuda.

Olha a palavra Help, ela quer dizer socorro em inglês, e... ela, o Projeto foi dado a esse nome, porque... ainda que seja uma palavra de língua inglesa, mas ela está muito presente no vocabulário do Brasileiro, por exemplo meio acadêmico, meio escolar, quando o aluno ou alguém tem uma dificuldade, não só no meio escolar, de uma maneira geral,” Oh, fulano me dá um help aqui”, “Me dá uma ajuda aqui”. LÍRIO

Help é socorro para quem vai em busca do acolhimento. Mas no dia a dia do brasileiro *help* é ajuda: ajuda é a busca de quem quer acolher. É um socorro disponível 24 horas para ouvir, entender e socorrer.

O Help atua por meio de:

de ações, mobilizações e atendimentos, né...nós temos um vasto trabalho pela, pelas nossas redes sociais, pelo instagram Help.fju, pelo nosso facebook e demais redes sociais, né... nós fazemos um trabalho intenso na internet, que onde geralmente tem muitas pessoas depressivas. E nós realizamos ações que são em locais em que geralmente a pessoa ela vai até aquele local pensando em tirar a própria vida, a gente coloca cartas com mensagens motivacionais, em pontes, em viadutos, em árvores, em estações do metrô, em estações de trem. Nós realizamos palestras em escolas, em empresas, em faculdades, nós temos ações parceiras né..com empresas, em que nós ali atuamos naquele ambiente ali daquela empresa, onde a gente procura fazer um trabalho de apoio emocional. LÍRIO

Há uma caminhada pelas redes sociais e não somente nas ruas. De fato, muitos caminhantes nas redes sociais sofrem de depressão. O Help oferece ajuda para pessoas que sofrem com ideações suicidas, automutilação, complexos, traumas, ansiedades, entre outros. Porém notamos que os casos que mais aparecem é o risco de suicídio e depressão.

Como afirma Calliari (2020):

Um em cada dez entrevistados no Brasil (11%) admitiu estar lidando com sintomas de depressão como uma consequência do surto de Covid-19. As declarações divididas por gênero revelam um impacto predominantemente feminino: 14% são mulheres e 7% são homens (CALLIARI, 2020).

Sabemos que no período da pandemia, os casos de problemas de saúde mental tiveram um aumento significativo, o medo, a dor, o luto e o isolamento fizeram com que a situação de quem já tinha alguns problemas de ordem de saúde mental se agravasse e quem não tinha passou a ter em sua grande maioria. Lírio comenta que:

das consequências da pandemia foi a crescente enorme dos problemas de saúde mental na população de uma forma geral, então durante a pandemia nós não paramos, pelo contrário, nós continuamos a exercer as atividades do Projeto com afinco, tendo em vista que era um momento muito delicado, em que não apenas a saúde física das pessoas, mas a saúde mental é...é uma questão essencial. LÍRIO

Macedo (2021, p. 3) cita o fortíssimo impacto da pandemia para a saúde mental da humanidade, destacando as palavras-chave nesse novo cenário: “a doença, o cuidado, a morte, a cura, a fome, o medo, o luto, a incerteza, a vacina, o desemprego, o desgoverno, o desamparo, o descompasso, o trauma. Sim, o trauma”. A autora defende que, ainda que anos se passem após o primeiro caso de covid-19 no mundo, ainda permanecerão eventos não simbolizados que retornam/retornarão ininterruptamente na forma de traumas (MACEDO, 2021).

Durante o período da pandemia algumas atividades do Help se modificaram, mas não pararam, pois acreditamos na importância deste trabalho em tempos pandêmicos. As palestras deixaram de ser presenciais para serem online, o cantinho do desabafo presencialmente não foi possível, mas os atendimentos via as redes sociais não pararam de forma alguma. O Projeto se reinventou na sua forma de ajudar.

O Conselho Federal de Psicologia (2021) lançou um estudo um ano após o início da pandemia do coronavírus, mostrando que aumentou consideravelmente o número de terapeutas que passaram a atender online no período de pandemia; assim como se elevou o número de pessoas buscando atendimento psicológico, auxílio terapêutico ou qualquer outro serviço ou atividades de acolhimento e/ou aconselhamento.

Lírio destaca que “a única dificuldade que a gente encontrou foi a questão de isolamento social, que ali a gente não podia estar presencialmente nos locais.” A ausência do presencial pesa muito no processo de acolhimento. No cantinho do desabafo, por exemplo. Mas isso jamais impossibilitará. Lírio continua dizendo que “a dificuldade pode querer atrapalhar, mas ela não impede”. Demonstrando através da sua fala que mesmo havendo dificuldades a força de vontade dos integrantes/voluntários é ainda maior em acolher e ajudar as pessoas.

Macedo (2021) relembra ainda que existirão grandes desafios para aqueles que trabalham com a saúde mental no século XXI, sejam atuantes em circuitos clínicos, comunitários, organizacionais, grupais, escolares, ou em projetos sociais, de educação não formal; sublinhando ainda que este trabalho seja traçado com base na escuta fina, no acolhimento, cuidado, autocuidado e reflexão ética.

Lidar com esse período foi se reinventar, uma coisa que a gente procura muito levar pras pessoas no Projeto é uma palavra chamada ressignificar, que a grosso modo quer dizer, entender que a pessoa que forte que nós somos hoje é fruto de todos os problemas enfrentados e superados ao longo da vida. E nós do Projeto acreditamos que toda e qualquer dificuldade traz pra nós habilidades, e uma das habilidades que ter superado os problemas de ordem de saúde mental nos trouxe foi dar um novo significado a tudo que nós enfrentamos. A pandemia nós tivemos que dá a ela um novo significado, reaprender com ela e com isso seguir adiante. (LÍRIO)

O Processo de pandemia para o Projeto Help, foi uma motivação a mais para permanecer desenvolvendo esse trabalho, alcançando mais pessoas com ainda mais força. Pois a pandemia foi tempo de adoecimento e luto, um tempo em que um Projeto Social como esse era prioridade.

## **5.2 Entrevista com a integrante/ voluntária do Projeto Social Help**

Segundo Orquídea, o que a trouxe ao Projeto Help “foi a necessidade de se tratar sobre esses assuntos que são abordados né... é... como exemplo a depressão”. O que lhe motivou a fazer parte do Help voluntariamente foi ajudar pessoas que passam pela depressão.

Os transtornos depressivos também estão em grandes proporções no Brasil. A depressão pode ser desencadeada por diversas situações, como disposição ao estresse, sentimentos de impotência, insegurança, desânimo, visão negativa em dadas circunstâncias, tristeza, raiva, entre outros (PIMENTEL, 2020).

Sugere-se que, apesar de ser um tema sombrio, mas com um número elevado de casos, e conseqüentemente por ela já ter vivenciado e saber a necessidade de que um auxílio durante esse processo é fundamental, tenha influenciado para o interesse em ajudar as demais pessoas que vivenciam o que ela já vivenciou. Como ela diz, esse trabalho a faz sentir melhor todos os dias, “poder ajudar alguém, conhecer de perto o que elas passam, né...incentivar e motivar, né...” O desejo reside e endereça-se ao outro. O trabalho voluntário ele nasce sempre de um desejo. Ninguém sai de casa à toa para trabalhar pelo outro e sem ganhar nada. Há desejo, há inquietação,

há uma mobilização interna. Esse desejo de ajudar os outros diz algo sobre nós mesmos. É como se nos espelhássemos no outro e nos víssemos, e ali observamos que assim como houve mudança em nós pode haver para outra pessoa também.

Orquídea retrata que houve mudanças em suas relações sociais após ter adentrado no Help, como por exemplo o pensamento de: “mas o que tem por trás daquela atitude da pessoa, né...” O olhar ao outro, a abertura de uma escuta do outro transforma a vida dela, a humaniza, a torna mais compreensiva, mais acolhedora. Ela consegue olhar para além do comportamento observável. Ela tenta olhar o que há por trás de tudo aquilo. Ela tenta ver não só o que é explícito em atitudes, mas sim o que não está visível diante dos nossos olhos, por isso também vem a falta de julgamento, porque quando entendemos o porquê o outro age de tal forma, paramos de julgar, paramos para acolher, porque nesse momento conseguimos enxergar mais do que os nossos olhos podem ver.

Orquídea discorre sobre uma das ações que é realizada em seu município de Cruz das Almas: “o cantinho do desabafo, onde ali ficam os voluntários atendendo as pessoas individualmente”. E também fala o porquê ela acredita ser importante essa atividade: “... muitas pessoas né... elas têm aqueles problemas que não conseguem contar pra ninguém, não consegue desabafar com ninguém, às vezes porque um familiar vai julgar”. Porém, o Help propõe algo diferente: não é uma terapia, não é uma família, não é um amigo que vai ouvir. A proposta é acolher, é oferecer um espaço em que seja possível desabafar, desaguar, pedir ajuda, entender-se na condição de precisar de ajuda (o que normalmente é uma das etapas mais difíceis). Então é como se o Help fosse o primeiro passo na busca por um tratamento. É o espaço em que posso elaborar, aceitar e assumir que preciso me tratar.

Macedo (2021) comenta que, ao buscar ajuda no âmbito da saúde mental, o sujeito tenta enquadrar a realidade de luto, compreender o caos, mas muitas vezes é um esforço inútil diante do incognoscível, pois tudo parece escapar de nossa tentativa de racionalização. Portanto, não somente os psicólogos e psiquiatras devem estar atentos ao futuro pós-pandêmico, mas toda a sociedade, ao perceber que muitas pessoas estão às voltas com ansiedade, depressão, paranoia, pânico, ideias obsessivas, comportamentos compulsivos, abuso de álcool e substâncias psicoativas, insônia, medo, tristeza, luto (MACEDO, 2021).

Orquídea cita mais uma atividade desenvolvida no município:

O trabalho das cartas, a gente sai distribuindo as cartas, é... colocando nas casas, nas pontes né..., nos pontos assim estratégicos, onde as pessoas vão pegar essa carta, ali vai ter uma palavra de motivação, e... vai ter também um contato, que ela pode tá é... entrando em contato com esse número, pra tá falando com alguém que vai tá ali à disposição para ajudar ela, né. (ORQUÍDEA)

Orquídea aponta aqui duas ações do Help que acontecem no município de Cruz das Almas – Ba: 1) Cantinho do desabafo, quando o outro busca a ajuda do voluntário; 2) O momento das cartas, quando o voluntário vai ao encontro do outro, ao buscá-lo pelas ruas e ao avisar a ele (através de cartas espalhadas pela cidade) que está disponível, que está ali, que há uma saída.

Orquídea diz que “justamente, a atividade que eu mais gosto é da carta, é... eu gosto mais de confeccionar, sim, distribuir também é bom, mas confeccionar porque você tá ali colocando uma palavra de motivação pra pessoa, você é...” Na carta é onde ela também tem voz. Ela não somente ouve, mas ela tece as palavras, confecciona, costura seus sentimentos às emoções de quem precisa.

Orquídea diz o porquê gosta de ajudar pessoas na mesma faixa etária: “porque, é... além de eu já ter passado pela depressão, né... é... já conhecer isso, além de eu tá falando pra pessoa o que já passei”. Quem passou por isso volta para ajudar. Como foi dito outrora, sobre que não há cisão (topologicamente falando) entre quem busca e quem é buscado.

Como se houvesse um espelhamento, ao se ver no outro, o outro foi ajudado, então também posso ser. Como diz Orquídea:

pelo fato da gente ter a mesma idade, fica mais fácil dela se sentir confiante em falar o que ela tem passado, o que ela tem sentido. Então, eu acho que sim, é importante ajudar uma pessoa da faixa etária, da mesma faixa etária, né... (ORQUÍDEA)

Orquídea relata sobre o impacto que ela observa que o Help tem na sua vida pessoal e para a sociedade, dizendo que: “... a minha visão com relação as pessoas mudaram, além disse ajudar alguém sempre nos faz bem. E a sociedade também ganha com isso né... pois o Help tem ajudado a muitos.”

A palavra ajuda e suas variações aparecem 12 vezes apenas na entrevista com Orquídea, demonstrando que é mais do que ajudar ao próximo: ajudando ao outro ela está ajudando a si mesmo.

Durante a pandemia Orquídea afirma que: “o Help intensificou mais ainda o trabalho né...”. Um trabalho como o Help nunca foi tão importante nos últimos anos, como tem sido ao longo de 2020, 2021 e 2022. E vai continuar sendo com essa onda pandêmica na Saúde Mental das pessoas.

Os voluntários/integrantes do Projeto não se furtaram do cuidado durante esse período, como relata Orquídea “a gente fazia e tendo cuidado de usar máscara, usar luva, tendo aquele cuidado que era sempre passado né...” As palestras nas escolas não pararam nas capitais, passaram a ser online, somente nos interiores que houve uma pausa nessa atividade de palestras. Todas as outras ações foram mantidas no interior dos estados.

Sabemos que o Help permaneceu ativo durante a pandemia, porém foi importante o funcionamento do Projeto durante o tempo da pandemia? Orquídea responde que: “acredito que se não fosse o trabalho do Help está ativo, está sendo intensificado, os índices né... de suicídio seriam muito maiores do que foram, porque com o isolamento social muitas pessoas né... que já tinham problemas, os problemas foram aumentando”. As pessoas já tinham questões de saúde mental antes da pandemia. E tudo se intensificou como consequências do isolamento social e de outras condições da pandemia associadas ao medo, à tristeza, às obsessões, ao pânico, à angústia e às ansiedades. Porém foi crucial a ação do Help antes da pandemia, durante o período pandêmico, e agora no período pós-pandemia. Esse acolher deve permanecer.

Frankl (1984) era médico quando eclodiu a segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, por ser judeu, foi perseguido, preso e torturado em um campo de concentração. Sobrevivente ao fim da guerra, ele publicou sua teoria sobre logoterapia a fim de auxiliar pessoas a buscarem o sentido de suas vidas. Em um de seus trabalhos ele afirma a importância de determinadas ações humanas nos cenários mais catastróficos do mundo, porque:

porque o mundo está numa situação ruim. Porém, tudo vai piorar ainda mais se cada um de nós não fizer o melhor que puder. Portanto fiquemos alerta –

alerta em duplo sentido: desde Auschwitz nós sabemos do que o ser humano é capaz. E desde Hiroshima nós sabemos o que está em jogo (FRANKL, 1984, p. 175)

Orquídea relata a importância do Help: “eu gostaria de acrescentar, que o Help ele é de suma importância hoje pra sociedade né, principalmente é... agora depois da pandemia, quando tava tendo a pandemia também é..., porque a gente sabe que já tinha esses problemas, de depressão, de suicídio”. Diante do que foi notado, o que é mais comum na comunidade que ela atende é a depressão e o risco iminente do suicídio. Duas condições extremamente graves e que requerem cuidado e atenção.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desta pesquisa, que teve o objetivo de identificar quais impactos a Educação não formal tem na vida das pessoas que atuam no Projeto Social Help, conhecemos a história do Help, observamos as práticas do Projeto Social e como se constituem coletivamente. Entendendo que o maior desafio dessa nossa geração é lidar com problemas relacionados a saúde mental, com receios de julgamentos como por exemplo: “depressão é frescura”, “mas por que você está assim?”, “você tem condições ou você não tem condições”, com medo de tais julgamentos as pessoas se fecham em seu mundo, sendo ainda mais desafiadoras as tentativas de ajuda. As dificuldades de reconhecer que precisa de ajuda também é um dos pontos no qual quanto mais se tarda em reconhecer e procurar ajuda, mais se eleva o problema.

Sabendo que saúde mental é um assunto totalmente necessário e primordial nos dias atuais para ser discutido e apoiado. Desde então, notamos que requer mais estudos e aprofundamento na pesquisa, para alcance de maiores resultados. Portanto, diante do que apresentamos acredita-se que é necessário um olhar mais sensível e humanizado da sociedade e do poder público para os Projetos, Ongs, entre outras causas da educação não formal, para que mais pessoas sejam alcançadas. Também notamos que é imprescindível a importância do Projeto Social Help para

sociedade, visto o cenário pandêmico e pós pandêmico que vivemos, necessitando assim de muito auxílio e acolhimento.

Diante disso, percebemos quanto o Help tem um impacto na vida dos voluntários, ao ponto de serem ajudados pelo Projeto e voltarem para contribuir e assim ajudar outras pessoas. O quanto o olhar deles é transformado diante do outro, um olhar acolhedor e sem julgamentos.

Esperamos contribuir com essa discussão, a partir dos pontos que foram abordados. Por fim, aspira-se que os resultados expostos possam dar subsídio para novas discussões e pesquisas sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

BAIRRÃO, J. F. M. H. **O impossível sujeito**: Implicações da irreducibilidade do inconsciente. São Paulo: Rosari, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Coronavírus**: comunicado sobre atendimento online. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/coronavirus-comunicado-sobre-atendimento-on-line/>>. Acesso em: 22 Jul. 2022.

DEFREYNE, E.; MOFRAD, G. H.; MESTURINI, S.; VUILLEMENOT, A. M. Intimité et réflexivité: Une introspection du divers. In: DEFREYNE, E, G. H. et al (Orgs.). **Intimité et réflexivité**: Itinérances d'anthropologie. Louvain-la-Neuve, Belgique: L'Harmattan, 2010, p. 2-15.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Orgs.). 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FALCO, Aparecida Meire Calegari; MOREIRA, Jani Alves da Silva. A gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares: um debate acerca da formação do pedagogo no Brasil. **B. Téc. Senac**, Rio de Janeiro, v.43, n.1, p. 256-273, jan./abr. 2017.

FOGAÇA, Priscila Carvalho; AROSSI, Guilherme Anzilero; HIRDES, Alice. Impacto do isolamento social ocasionado pela pandemia COVID-19 sobre a saúde mental da população em geral: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e52010414411, 2021.

FRANKL, V. (1994). **Em busca de sentido**. São Paulo: Vozes, 1984.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, v. 2, n. 1, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4<sup>o</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. Editora Atlas, 2008.

GODOY, D. B. O. A. **Modelagem topológica da possessão**: Sujeito e alteridade na umbanda. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

GONÇALVES, H. A. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Campinas: Avercamp, 2005.

GUNDIM, Vivian Andrade; ENCARNAÇÃO, Jhonatta Pereira; SANTOS, Flávia Costa; SANTOS, Josenaide Engracia dos; VASCONCELLOS, Erika Antunes; SOUZA, Rozemere Cardoso. **Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19**. DOI 10.18471/rbe.v35.37293.

HELP FJU. **Help**: Força Jovem Universal. Disponível em: <<https://forcajovemuniversal.com/help/>> Acesso em: Jun. 2022.

LEMOS, D. T. A.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Doença e morte na umbanda branca: A Legião Branca Mestre Jesus. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 677-703, 2013.

MACEDO, A. C. **Encruzilhadas da Interpretação na Umbanda**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

MACEDO, Alice Costa. Quarentenados no Século XX. **SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 1-4, 2021.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19**. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos; OLIVEIRA, Maria Eduarda de Freitas. **Saúde mental em tempos de Covid-19: A importância do atendimento psicológico remoto**. *Revista Transformar* v. 14, mai./ago. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez. 2007.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas, Brasília. **Ver. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, Set./dez. 2015.

SILVA FILHO, José Adelmo da; SILVA, Roger Rodrigues da; CUNHA, Milana Correia; BEZERRA, Adriana de Moraes. Assistência em saúde Mental para além da medicalização: Revisão Integrativa. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 12, n. 42, p. 641-658, 2018.

## **ANEXOS**

### **ANEXO 01- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

#### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COORDENADOR DO HELP**

Nome: Lírio

Idade: 40 anos

Escolaridade: Superior- Análise de sistemas

Profissão: Arquiteto de Software

Cidade onde reside: São Paulo

- 1- Você poderia me contar um pouco sobre sua trajetória dentro do Projeto Help? Como foi seu processo no Help e como adentrou?
- 2- Como o Help nasceu? Qual história? O projeto iniciou com quantas pessoas? Como foi o processo de criação? Quanto tempo você tem nesse Projeto? Existe um perfil para fazer parte do projeto e por quê?
- 3- O Projeto existe em quais cidades do País? Há um espaço físico para pensar, desenvolver e executar as atividades do Projeto?
- 4- O que significa o nome Help? Porque em língua estrangeira já que foi criado no Brasil? O porquê foi escolhido esse nome?
- 5- Qual objetivo do Projeto? Como o Projeto atua? Quais são as atividades /ações? Qual rotina dos voluntários? Qual público vocês trabalham? Conseguem dá conta de todos que chegam até vocês?
- 6- Há doações para que o Projeto exista e se mantenha ativamente?

- 7- Existem registros legais? (Documentos, relatórios, cadastros, CNPJ)?
- 8- Quais impactos você observa que o Projeto Social Help tem na sua vida pessoal e para a sociedade?

## DURANTE A PANDEMIA

- 9- Como se encontraram as atividades do Projeto?
- 10- Continuaram desenvolvendo o trabalho de alguma forma? Se sim, de qual forma? Enfrentaram dificuldades? Quais estratégias usaram?
- 11- Como sentiu-se e como foi lidar com esse período, quais atividades não puderam desenvolver?
- 12- Foi importante o funcionamento do Projeto durante o tempo da pandemia? O Projeto influenciou em algum aspecto para lidar com as questões que surgiram com a pandemia? Quais resultados obtiveram?
- 13- Por fim, você gostaria de acrescentar algo que ainda não foi falado, mas você considera necessário?

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURA VOLUNTÁRIOS/INTEGRANTES DO HELP

Nome: Orquídea

Idade: 23 anos

Escolaridade: cursando Gestão em administração

Profissão: Operadora de caixa

Cidade em que reside: Cruz das Almas

- 1- Qual a sua história com o Help? Como conheceu? Como foi o seu processo? Você tem quanto tempo nesse Projeto? O que te trouxe até esse Projeto e o que fez com você permanecesse até aqui?
- 2- Você consegue perceber mudanças em sua vida após a participação desse Projeto? Existe um perfil para fazer parte do Projeto e por quê?
- 3- Aconteceram mudanças em suas relações sociais (família, faculdade, trabalho), após ter adentrado nesse Projeto?
- 4- Qual seu objetivo de fazer parte desse Projeto? Quais são as atividades /ações que o projeto desenvolve? Qual rotina dos voluntários? Qual atividade você mais tem afinidade de realizar e por quê? Você considera legal a ideia de ajudar pessoas com a mesma faixa etária que a sua? Se sim, por quê?
- 5- Me fale um pouco como você enxergava o Projeto antes de adentrá-lo e como enxerga hoje?
- 6- Qual impacto que observa que o Projeto Social Help tem na sua vida pessoal e para a sociedade?

## DURANTE A PANDEMIA

- 7- Como se encontraram as atividades do Projeto?
- 8- Continuaram desenvolvendo o trabalho de alguma forma? Se sim, de qual forma? Enfrentaram dificuldades? Quais estratégias usaram?
- 9- Como sentiu-se e como foi lidar com esse período, quais atividades não puderam desenvolver?
- 10-Foi importante o funcionamento do Projeto durante o tempo da pandemia? O Projeto influenciou em algum aspecto para lidar com as questões que surgiram com a pandemia? Quais resultados obtiveram?
- 11-Por fim, você gostaria de acrescentar algo que ainda não foi falado, mas você considera necessário?

## **ANEXO - 02 TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

### **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

#### **COORDENADOR DO HELP**

Nome: Lírio Eduardo Ferreira de Souza

Idade: 40 anos

Escolaridade: Superior- Análise de sistemas

Profissão: Arquiteto de Software

Cidade onde reside: São Paulo

**1- Você poderia me contar um pouco sobre sua trajetória dentro do Projeto Help? Como foi seu processo no Help e como adentrou?**

Bom, a minha trajetória na verdade começou antes de eu tomar conhecimento do projeto, que foi com a minha história de superação. Tendo em vista, o fato de que no passado eu tive síndrome do pânico grave, com uma dívida impagável, perdi empresa, perdi casamento, então eu tive sérios problemas por conta desse transtorno de ordem de saúde mental que é a síndrome do pânico. Mas eu costumo dizer para as pessoas que no momento da minha maior dor, eu encontrei a minha maior força. Então, felizmente eu superei tudo isso, e me identifiquei com o projeto Help porque exatamente o que ele se propõe a fazer, levar as pessoas a entenderem que um problema de ordem de saúde mental ou qualquer outro trauma que a pessoa possa estar vivenciando não é o fim da vida dela, pelo contrário, ela pode sim, se superar. Então eu tomei conhecimento do Projeto Help, me identifiquei com a causa, fui convidado pra ingressar nele né... e dado esse convite, eu aceitei de imediato,

porque ééé... é muito, eu me identifico muito com o Projeto, com o que ele se propõe a fazer, com o que ele faz efetivamente que é levar as pessoas a entenderem que elas podem sim superar, que elas na verdade devem se superar, ao invés de desistir.

**2- Como o Help nasceu? Qual história? O Projeto iniciou com quantas pessoas? Como foi o processo de criação? Quanto tempo você tem nesse Projeto? Existe um perfil para fazer parte do Projeto e por quê?**

O Projeto Help ele nasceu em Janeiro de 2018, e... a história dele começa com a história de superação das pessoas que tiveram a iniciativa de dá inicio a ele, que são pessoas que enfrentaram e venceram e superaram problemas de ordem de saúde mental, é... ele nasceu com o lema não te julgo, te ajudo, porque... é umas das barreiras que as pessoas que tem de ordem de saúde mental enfrenta é medo de ser julgada diante daquela situação. Então, diante dos crescentes casos no nosso País, não só de adolescentes, jovens e adultos ter problemas como esse. Então, as pessoas se... uniram para tomar uma iniciativa voluntária de dividir com as pessoas histórias de superação, dividir as suas histórias de superação, e fazê-las entenderem que elas podem sim se superar, podem dar um novo significado as suas vidas, elas podem entender que a pessoa forte que elas são, essa força ela vem de todas experiências de superação que elas vão acumulando durante a vida. Então, eu estou há três anos no Projeto Help, é... atualmente nós estamos à frente da coordenação do Projeto, e o perfil para que alguém faça parte do Projeto, é estar saudável mentalmente, é ter superado um problema de ordem de saúde mental, é claro, não apenas alguém que superou um problema de ordem de saúde mental, mas alguém que se solidarize com a causa, queira doar um pouco de si pra ajudar as pessoas, é um trabalho que não é substitutivo, não substitui o trabalho do psicólogo, é um trabalho de acolhimento, é um trabalho que procura dividir com as pessoas histórias de superação, trazer para as pessoas uma visão diferente do que elas estão enfrentando, pra que ao invés delas experimentarem ideias

negativas, ideias pessimistas, e em muitos casos ideias de tirar a própria vida, as pessoas consigam entender que o que elas na verdade precisam não é tirar a vida, é tirar a dor de dentro de si, e aí que a gente entra com as histórias de superação, né...o Projeto começou com poucas pessoas, mas foi se formando uma verdadeira corrente do bem por todo País e hoje contamos com mais de seis mil voluntários, mas isso se deu por conta da entrega de cada um e por conta do compromisso de cada pessoa que faz parte do Projeto tem de levar as pessoas a se superarem, como nós também nos superamos. Em cada pessoa que nós abordamos, ou que chegam até nós pedindo ajuda, nós nos vemos, nós vemos naquela pessoa que está enfrentando um problema de ordem de saúde mental o que nos enfrentamos e superamos no passado. E por isso a gente se empenha tanto, se engaja tanto, nesse trabalho, então foi assim que nasceu o Projeto, desse desejo de levar pras pessoas a superação, levar pras pessoas uma verdade contundente que é de que elas podem sim se superar.

### **3- O Projeto existe em quais cidades do País? Há um espaço físico para pensar, desenvolver e executar as atividades do Projeto?**

Bom, o Projeto atualmente ele está em todas as capitais do País, felizmente. Em alguns locais fora do País, onde temos correspondentes. É... em relação a espaço para atividade, nós temos alguns lugares que nos são cedidos em parceria, para necessidades pontuais, para realizar atendimentos, para realizar reuniões com os nossos voluntários, então, nós temos o Projeto no País inteiro, felizmente. Eventualmente nós realizamos atividades como treinamento com os nossos voluntários, oficina de cartas, mas em relação as quais cidades do País o Projeto está presente, todas as principais capitais, em alguns municípios de cada estado da nossa federação. Em cada estado a gente também tem uma parceria, um espaço que nos é cedido, pra realização citadas anteriormente, que são nossos treinamentos, reuniões pontuais do Projeto, oficinas de cartas, né... que são cartas que a gente coloca em locais onde a pessoa pontualmente vai ali, não digo

pontualmente, mas vai ali com a intenção de tirar a própria vida, então nesses locais que nos são cedidos em parceria nós também realizamos a oficina de carta.

#### **4- O que significa o nome Help? Porque em língua estrangeira já que foi criado no Brasil? O porquê foi escolhido esse nome?**

Olha a palavra Help, ela quer dizer socorro em inglês, e...ela, o Projeto foi dado a esse nome, porque... ainda que seja uma palavra de língua inglesa, mas ela está muito presente no vocabulário do Brasileiro, por exemplo meio acadêmico, meio escolar, quando o aluno ou alguém tem uma dificuldade, Não só no meio escolar, de uma maneira geral, "Oh, fulano me dá um help aqui", "Me dá uma ajuda aqui". Então é um termo que mesmo estrangeiro, é um nome muito autoexplicativo, é um nome que carrega consigo mesmo no seu significado, na sua pronúncia, o que o Projeto propõe a fazer, ajudar pessoas que estão em vulnerabilidade emocional, e levar pra elas a ideia de que elas podem se superar ao invés de desistir. E foi escolhido esse nome, porque que a pessoa que enfrenta um problema de ordem de saúde mental ela quer ajuda, e muitas vezes ela só não sabe como buscar essa ajuda, e muitas vezes dado a um preconceito por parte de pessoas que a cercam, com ou algum medo que a pessoa tenha de ouvir frases como "Ah, isso é frescura", "Ah, e, e... você tem tantas condições, ou não tem condições", "Porque você está enfrentando isso?" "Porque que é que você está vindo com esse papo de depressão". Então, em muitos casos, a pessoa com medo de ser julgada, ela se fecha, ela não pede ajuda, então, ela tem dentro de si de que pedir ajuda é sinal de fraqueza quando na verdade não é, então, esse foi o objetivo pelo qual foi utilizado esse nome, Help, socorro, ajuda em inglês e com o lema não te julgo, te ajudo. Pra que as pessoas não apenas, é, entendam que elas vão ser ajudadas, mas também que elas se sintam a vontade de desabafar e colocar pra fora o que elas tem dentro de si, sem o medo de que elas serem julgadas.

**5- Qual objetivo do Projeto? Como o Projeto atua? Quais são as atividades /ações? Qual rotina dos voluntários? Qual público vocês trabalham? Conseguem dá conta de todos que chegam até vocês?**

O objetivo do projeto, é levar as pessoas a se superarem ao invés de desistir. Que foi o que aconteceu conosco, cada um dos voluntários como dito anteriormente, tem uma história de superação, de ter enfrentado ou um trauma, ou um problema muito difícil, ou um problema de ordem de saúde mental, abandono, são vários os problemas que cada um dos voluntários superaram. Então o nosso objetivo é levar as pessoas se superarem como nós nos superamos. E como nós atuamos? Através de ações, mobilizações e atendimentos, né...nós temos um vasto trabalho pela, pelas nossas redes sociais, pelo instagram Help.fju, pelo nosso facebook e demais redes sociais, né... nós fazemos um trabalho intenso na internet, que onde geralmente tem muitas pessoas depressivas. E nós realizamos ações que são em locais em que geralmente a pessoa ela vai até aquele local pensando em tirar a própria vida, a gente coloca cartas com mensagens motivacionais, em pontes, em viadutos, em árvores, em estações do metrô, em estações de trem. Nós realizamos palestras em escolas, em empresas, em faculdades, nós temos ações parceiras né..com empresas, em que nós ali atuamos naquele ambiente ali daquela empresa, onde a gente procura fazer um trabalho de apoio emocional, o trabalho do Projeto ele não é substitutivo, ele não substitui o trabalho do psicólogo, embora nós temos também no nosso corpo de voluntários psicólogos mas o trabalho do projeto é de acolhimento, é de apoio emocional, e eventualmente nós realizamos grandes eventos de valorização a vida, então a atuação do Projeto se engloba em redes sociais, ações, mobilizações e palestras em empresas, escolas, e faculdades. As nossas atividades são as que eu citei agora a pouco, nós distribuimos cartas com mensagens motivacionais, nós fazemos o que nós chamamos de cantinho do desabafo, que é onde os nossos voluntários se colocam à disposição daquela pessoa que tem o desejo de desabafar, que tem o desejo de colocar pra fora aquilo que está lhe angustiando, que muitas das vezes é uma dor, é um trauma, é uma ideação suicida que a pessoa não quer mas tá ali mais dentro dela, e ela quer colocar aquilo pra fora, então são várias as atividades que o Projeto realiza no intuito de levar pras pessoas apoio emocional, acolhimento e fazer as pessoas entenderem que um problema de ordem de saúde mental não é

o final da vida delas. Então, todas as atividades do Projeto afunilam pra isso, e nós temos um whatsapp onde nós ali atendemos, todo trabalho do projeto é gratuito, então nós realizamos um atendimento pelo whatsapp, ou pelas redes sociais, nós realizamos também trabalhos de acompanhamento, até que a pessoa efetivamente esteja recuperada dos seus transtornos. Nós trabalhamos com um público muito variado, adolescente, jovem e adulto, né... nós não trabalhamos especificamente com um público só. À princípio o Projeto trabalhava só com o público jovem, mas, dada a crescente dos casos de ordem de saúde mental em várias faixas etárias, a gente atualmente tem uma abrangência muito grande, que vai desde a adolescência até a fase adulta, já tivemos muitos casos em que até idosos, nós tivemos a oportunidade de ajudar. Infelizmente, a gente procura ter uma organização pra que a gente consiga dá conta, pra que a gente consiga sim, atender a todos aqueles que chegam até nós, a gente procura é...se dividir, né... se organizar, isso em todo País, né... Porque nós temos um corpo de voluntários com mais de seis mil voluntários. Então a gente se organiza de uma maneira que não sobrecarregue e que ninguém que chega até a nós precisando de ajuda, fique sem ajuda.

## **6- Há doações para que o Projeto exista e se mantenha ativamente?**

O Projeto, ele é sem fins lucrativos, internamente a gente se organiza entre os nossos voluntários pra que as atividades do Projeto elas, elas se mantenham, né...então o projeto é sem fins lucrativos.

## **7- Existem registros legais? (Documentos, relatórios, cadastros, CNPJ)?**

Existe regulamentação legal sim, é... o Projeto Help, ele tá associado ao Instituto, que é um Instituto chamado Instituto Bem Maior. Então a todo um amparo legal, há toda uma documentação, que dá respaldo pra existência do Projeto.

**8- Quais impactos você observa que o Projeto Social Help tem na sua vida pessoal e para a sociedade?**

Olha, o impacto do Projeto na vida das pessoas tem sido muito positivo, porque todas as vezes que a gente faz alguma ação de valorização a vida, as pessoas se identificam, as pessoas desabafam, muitas delas chegam até nós com a ideia de colocar um ponto final na sua vida, mas depois de um atendimento, depois do acolhimento, depois de se deparar com histórias, histórias reais de pessoas que enfrentaram aquele momento, tendo contudo superado, elas passam a ter uma nova perspectiva de vida, elas passam a ter um olhar diferenciado ao seu próprio respeito, então, felizmente o impacto na vida das pessoas tem sido muito positivo, e a prova disso é que cada vez mais o Projeto tem crescido, tem se expandido, e lhe tem sido aberta espaços pra atuação, exatamente porque, é verdadeira a questão de ser efetivamente positivo e trazer benefícios reais pra pessoa.

O impacto na minha própria vida, tendo em vista que quando nós fazemos o bem pras pessoas, isso volta pra nós de alguma maneira, então, isso tem feito muito bem pra mim também, me tem impactado, a cada pessoa que nós conseguimos ajudar, que nós conseguimos levar apoio emocional, é um fortalecimento a mais, porque nós conseguimos observar nas pessoas, o que um dia lá atrás aconteceu conosco, que foi refazer a vida, ressignificar, se torna mais forte, seguir adiante, e em muitos casos temos observado as pessoas seguindo suas vidas, abandonando ideias negativas, então tem sido um impacto muito positivo também na minha vida.

## DURANTE A PANDEMIA

**9- Como se encontraram as atividades do Projeto?**

Olha, nenhuma das atividades do Projeto pararam durante a pandemia, até as palestras não pararam, porque elas deixaram de ser presenciais pra ser online, durante a pandemia nós criamos uma nova atividade chamada “Help At Home”, que nós colocávamos cartas com mensagens motivacionais nas caixas dos correios, as palestras fazemos online. E não paramos as atividades porque, umas das consequências da pandemia foi a crescente enorme dos problemas de saúde mental na população de uma forma geral, então durante a pandemia nós não paramos, pelo contrário, nós continuamos a exercer as atividades do Projeto com afinco, tendo em vista que era um momento muito delicado, em que não apenas a saúde física das pessoas, mas a saúde mental é...é uma questão essencial. Inclusive foi um dos temas que a gente passou a ter, durante a pandemia que nós abordamos, que foi até uma campanha que nós fizemos, que foi a sua saúde mental é essencial.

**10- Continuaram desenvolvendo o trabalho de alguma forma? Se sim, de qual forma? Enfrentaram dificuldades? Quais estratégias usaram?**

É, nós continuamos desenvolvendo o trabalho sim, apenas readaptamos algumas atividades. Por exemplo: palestra, não poderia ser mais presencial por conta do isolamento social, mas nós passamos a fazer palestras online, passamos a fazer lives através das nossas redes sociais, porque as pessoas estavam isoladas dentro de casa, mas com problema de ordem de saúde mental, então nós potencializamos, nós investimos ainda mais na nossa atuação nas redes sociais, que já era forte, tornou-se ainda mais, por conta da situação em si. A única dificuldade que a gente encontrou foi a questão de isolamento social, que ali a gente não podia estar presencialmente nos locais, mais é como a gente geralmente procura dizer pras pessoas, a..a dificuldade pode querer atrapalhar mas ela não impede, então algumas das dificuldades foi de estar presencialmente nos locais pra tá ali fazendo o atendimento que não foi possível em muitos casos, mas ali nós fazemos o atendimento online e felizmente nós tivemos um bom aproveitamento, e a nossa estratégia foi não parar de forma alguma e procurar

continuar atuando naquilo que era possível. Por exemplo: a palestra não poderia ser presencial fizemos online, fizemos live online, colocamos cartas nas pontes, colocamos cartas higienizadas, dentro por exemplo, de um plástico higienizado dentro da caixa do correio, então a nossa estratégia, foi procurar dentro do que era permitido não parar de atuar.

**11- Como sentiu-se e como foi lidar com esse período, quais atividades não puderam desenvolver?**

Felizmente, é... não tive nenhum abalo físico nem psicológico nessa pandemia, felizmente, graças a Deus. É... e lidar com esse período foi se reinventar, uma coisa que a gente procura muito levar pras pessoas no Projeto é uma palavra chamada ressignificar, que a grosso modo quer dizer, entender que a pessoa que forte que nós somos hoje é fruto de todos os problemas enfrentados e superados ao longo da vida. E nós do Projeto acreditamos que toda e qualquer dificuldade traz pra nós habilidades, e uma das habilidades que ter superado os problemas de ordem de saúde mental nos trouxe foi dar um novo significado a tudo que nós enfrentamos. A pandemia nós tivemos que dá a ela um novo significado, reaprender com ela e com isso seguir adiante. A única atividade que nós não conseguimos desenvolver foram palestras presenciais, as demais nós demos prosseguimento.

**12- Foi importante o funcionamento do Projeto durante o tempo da pandemia? O projeto influenciou em algum aspecto para lidar com as questões que surgiram com a pandemia? Quais resultados obtiveram?**

O funcionamento do projeto durante o tempo de pandemia, foi muito importante, porque as pessoas estavam, vamos dizer surtando, foi algo muito abruuto, algo que as pessoas não estavam acostumadas enfrentar, então foi muito

importante continuar funcionamento para que as pessoas que chegaram até a nós, recebessem o devido apoio emocional, e aqueles problemas enfrentados naquele momento não as prejudicassem seriamente, e influenciou, é... positivamente a essas pessoas que chegou até nós, pra enfrentar e vencer, aquilo que pra todos era novo, que era a questão da pandemia, muitas pessoas perderam entes queridos, então nós tivemos oportunidade de influenciar essas pessoas a não se entregarem as situações vividas, nós influenciamos essas pessoas a manterem a cabeça erguida, a entenderem que isso uma hora ia passar, que o fato de estarem em meio a uma pandemia, de não estarem sabendo lidar com o isolamento social, e com questões que a pandemia trouxe que nós iremos aprender juntos a enfrentar, superar e vencer essas situações, então a influência do Projeto nesse sentido foi fazer as pessoas entenderem que a saúde mental delas era essencial e que elas precisavam ter esse cuidado com a saúde mental e no que diz respeito a mesma, elas poderiam sim da mesma maneira, como nós superar, não apenas o momento da pandemia, mas os problemas que elas enfrentaram. E felizmente, o resultado foram muitas pessoas que chegaram a nós no período de pandemia com o quadro de saúde mental bem abalado, bem crítico, e atualmente essas pessoas estão bem e muitas dessas pessoas que chegaram até nós durante a pandemia, se recuperaram emocionalmente, mentalmente e hoje até fazem parte do projeto.

**13- Por fim, você gostaria de acrescentar algo que ainda não foi falado, mas você considera necessário?**

O que eu acho necessário, é nós potencializarmos ainda mais os esforços, pra levar as pessoas ao entendimento que elas são capazes sim de se superar, é um tema que nós não podemos deixar de lado, é um tema que precisa cada vez mais da nossa atenção, da atenção da sociedade como um todo, infelizmente nós tivemos um saldo muito negativo em relação a saúde mental das pessoas durante a pandemia e nesse pós pandemia tá ficando ainda mais evidente, o quanto as

peças saíram dessa pandemia abaladas emocionalmente, então precisamos intensificar os esforços pra ar sem julgamento, pra acolher e pra fazer o que for necessário pra evitar que as pessoas tirem a própria vida ou alimentem as ideias negativas dentro de si, tendo em vista o fato de que uma vida não tem preço, nós precisamos zelar ainda mais pra que as pessoas continuem, se superem, lutem e não se entreguem aos problemas e eventuais dificuldades da vida.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VOLUNTÁRIA/INTEGRANTE DO HELP

Nome: Orquídea Santos Borges

Idade: 23 anos

Escolaridade: cursando Gestão em administração

Profissão: Operadora de caixa

Cidade em que reside: Cruz das Almas

**1- Qual a sua história com o Help? Como conheceu? Como foi o seu processo? Você tem quanto tempo nesse Projeto? O que te trouxe até esse Projeto e o que fez com você permanecesse até aqui?**

É...eu tenho três anos no Projeto Help, é... desde quando conheci o Help, eu admirava o trabalho feito, mas nunca achava que um dia é... fosse me interessar assim pelo Projeto, é... fosse ter vontade né... de entrar, de fazer parte desse Projeto. É... O que me trouxe ao Projeto Help foi a necessidade de

se tratar sobre esses assuntos que são abordados né... é... como exemplo a depressão, que são assuntos desconhecidos, né... que era assuntos desconhecidos da sociedade. Hoje a maioria das pessoas já entendem mais o que é, é... e antes as pessoas só ouviam falar, né...muitos, mas não sabia o que passava, e também o interesse de ajudar as pessoas que passam pela depressão e por outros tipos de problemas referentes.

**2- Você consegue perceber mudanças em sua vida após a participação desse Projeto? Existe um perfil para fazer parte do Projeto e por quê?**

Sim, muitas. É poder ajudar alguém, conhecer de perto o que elas passam, né...incentivar e motivar, né... a vencer esses problemas, tudo isso nos faz sentir melhor todos os dias. É... o perfil, é... vamos dizer que é necessário que a pessoa conheça e saiba né... do que se trata o assunto, ou já tenha passado pelos mesmos problemas e venceu.

**3- Aconteceram mudanças em suas relações sociais (família, faculdade, trabalho), após ter adentrado nesse Projeto?**

Sim, eu percebo que o meu olhar né... para com o outro mudou depois do Projeto Help, é... eu pude perceber que algumas atitudes das pessoas não é exatamente... é... que a gente quando ver uma pessoa tendo atitude assim, a gente logo de cara a gente julga, mas o que tem por tras daquela atitude da pessoa, né... talvez é algo que ela tem passado e ela tá tentando demonstrar, pedir socorro através daquela atitude.

**4- Qual seu objetivo de fazer parte desse Projeto? Quais são as atividades /ações que o Projeto desenvolve? Qual rotina dos voluntários? Qual atividade você mais tem afinidade de realizar e por quê? Você considera legal a ideia de ajudar pessoas com a mesma faixa etária que a sua? Se sim, por quê?**

É, meu objetivo no fazer parte do help é ajudar as pessoas vencer esses problemas, mostrar a elas que elas conseguem sim vencer e passar por aquela situação, é... as atividades desenvolvidas é... eu posso citar duas né, tem o cantinho do desabafo, onde ali ficam os voluntários atendendo as pessoas individualmente. É... muitas pessoas né... elas tem aqueles problemas que não conseguem contar pra ninguém, não consegue desabafar com ninguém, as vezes porque um familiar vai julgar, a pessoa vai julgar ela, então as vezes até com um desconhecido ela se sente mais a vontade de falar, então a gente faz esse trabalho né... pra que a pessoa desabafe, e agente esteja com uma palavra ali pra ajudar ela. É...também tem o trabalho das cartas, a gente sai distribuindo as cartas, é... colocando nas casas, nas pontes né..., nos pontos assim estratégicos, onde as pessoas vão pegar essa carta, ali vai ter uma palavra de motivação, e... vai ter também um contato, que ela pode tá é... entrando em contato com esse número, pra tá falando com alguém que vai tá ali à disposição para ajudar ela, né... E justamente, a atividade que eu mais gosto é da carta, é... eu gosto mais de confeccionar, sim, distribuir também é bom, mas confeccionar porque você tá ali colocando uma palavra de motivação pra pessoa, você é... se sente como se tivesse ajudando de fato ali uma pessoa, é... colocando mensagem que vai motivar ela. Então eu gosto muito de tá ali confeccionando as cartas, é uma das atividades que eu mais gosto.

É... e sim, ajudar uma pessoa com a mesma faixa etária, sim eu gosto. Eu acho interessante porque, é... além de eu já ter passado pela depressão, né... é... já conhecer isso, além de eu tá falando pra pessoa o que já passei. É... pelo fato da gente ter a mesma idade, fica mais fácil dela se sentir confiante em falar o que ela tem passado, o que ela tem sentido. Então, eu acho que sim, é importante ajudar uma pessoa da faixa etária, da mesma faixa etária, né...

**5- Me fale um pouco como você enxergava o Projeto antes de adentrá-lo e como enxerga hoje?**

É... antes de entrar no Help, né... como eu disse anteriormente, eu já admirava esse trabalho, mas é... o Help foi evoluindo com o tempo né... não tinha tantas

ações como hoje tem. E o trabalho do Help é de uma importância né... pra sociedade no todo, porque é um Projeto que alcança a todos de várias formas.

**6- Qual impacto que observa que o Projeto Social Help tem na sua vida pessoal e para a sociedade?**

Como disse anteriormente né... é... a minha visão com relação as pessoas mudaram, além disse ajudar alguém sempre nos faz bem. E a sociedade também ganha com isso né... pois o Help tem ajudado a muitos.

## DURANTE A PANDEMIA

**7- Como se encontraram as atividades do Projeto?**

Mesmo na pandemia né... mesmo com tantos problemas que a pandemia trouxe, ainda assim o Help intensificou mais ainda o trabalho né.... É... principalmente a distribuição de cartas, como as pessoas estavam em casa, a gente fazia isso com todo cuidado, é... e porque também né... cresceu o índice de depressão, então a gente intensificou mais ainda o trabalho.

**8- Continuaram desenvolvendo o trabalho de alguma forma? Se sim, de qual forma? Enfrentaram dificuldades? Quais estratégias usaram?**

Sim, a gente enfrentou algumas dificuldades. Porque, é... com o isolamento social né... muitas coisas, algumas atividades não poderiam ser feitas. Principalmente assim no início da pandemia, mas o que a gente podia fazer, a gente fazia e tendo

cuidado de usar máscara, usar luva, tendo aquele cuidado que era sempre passado né...

**9- Como sentiu-se e como foi lidar com esse período, quais atividades não puderam desenvolver?**

É... a gente ficou triste sim, porque a gente sabe que o trabalho do Help é muito importante. É... foi meio difícil de lidar com algumas coisas que a gente não pode fazer, é... como as palestras nas escolas, é o cantinho do desabafo. Logo no início a gente não pode fazer, porque não poderia ter um contato assim direto com a pessoa. Mas o que a gente pode fazer a gente fez, mas sim, foi meio difícil de lidar com essa situação.

**10- Foi importante o funcionamento do Projeto durante o tempo da pandemia? O Projeto influenciou em algum aspecto para lidar com as questões que surgiram com a pandemia? Quais resultados obtiveram?**

Sim, é... muitas pessoas foram ajudadas né...nesse período da pandemia através do Help. Eu acredito que se não fosse o trabalho do Help está ativo, está sendo intensificado, os índices né... de suicídio seriam muito maiores do que foram, porque com o isolamento social muitas pessoas né... que já tinham problemas, os problemas foram aumentando. Então eu acredito que se não fosse o trabalho do Help, é... o suicídio, os índices de suicídio seria bem maior.

**11-Por fim, você gostaria de acrescentar algo que ainda não foi falado, mas você considera necessário?**

É... eu gostaria de acrescentar, que o Help ele é de suma importância hoje pra sociedade né, principalmente é... agora depois da pandemia, quando tava tendo a pandemia também é..., porque a gente sabe que já tinha esses problemas, de depressão, de suicídio, o índice já era grande, mas com a pandemia com os outros problemas, é... com a pandemia veio trazendo outros problemas, então, cresceu ainda mais, né, o índice, foi maior como foi falado antes, então a gente sabe que o Help foi um Projeto que foi criado bem antes da pandemia, mas que é... a gente pode utilizar ele pra poder ajudar outras pessoas né, a gente já tinha um trabalho ativo antes da pandemia, mas com a pandemia a gente pode é... trabalhar ainda mais e muitas pessoas também pode conhecer ainda mais o trabalho do Help né... através, após a pandemia no caso.